



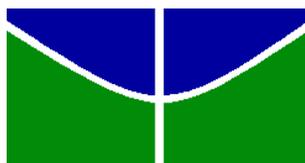
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**ESCOLA BILÍNGUE: UMA MERCADORIA NA
SOCIEDADE LÍQUIDA**

SAMIRA SANTANA DE SOUSA

ORIENTADORA: CELESTE SAID

BRASÍLIA, JULHO DE 2013



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

SAMIRA SANTANA DE SOUSA

ESCOLA BILÍNGUE: UMA MERCADORIA NA SOCIEDADE LÍQUIDA

Trabalho Final de Curso apresentado, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Celeste Said.

ORIENTADORA: CELESTE SAID

BRASÍLIA, JULHO DE 2013

FOLHA DE APROVAÇÃO

BANCA EXAMINADORA

Maria Celeste Said Silva Marques

Girlene Ribeiro de Jesus

João Roberto Vieira

Maria do Carmo Nascimento Diniz

FE / UnB

2013

Dedico este trabalho a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para a execução dele.

Em especial ao meu querido e inesquecível pai (in memoriam) e ao meu filho.

AGRADECIMENTOS

“A gratidão é a memória do coração.” (Antístenes)

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me guiado, pois sem ele eu não teria tido forças para chegar nem à metade do caminho, pois acredito que sem Deus não é possível chegar a lugar algum.

Agradeço a Prof^a. Dr^a. Maria Celeste Said Silva Marques pela cuidadosa orientação, pelo incentivo, pelo carinho, pelas discussões, pelas leituras atentas e pela confiança, por me mostrar que sempre podem ser feitas outras perguntas e outras análises.

Aos professores da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília que contribuíram, orientaram e ensinaram sobre as práticas pedagógicas e os diversos métodos e formas de ensino de maneira proveitosa e satisfatória.

Ao meu pai, Francisco Joaquim de Sousa, que sempre me apoiou em todos os momentos e sempre contribuiu com palavras de incentivo para eu nunca desanimar, ajudando-me também a superar os desafios que poderiam estar em meu caminho. A minha mãe, Creusa Santana de Sousa, que sempre incentivou meus estudos e me ajudou para que eu pudesse terminar o meu curso de forma louvável, se sacrificando muitas vezes. Pai e mãe, o maior agradecimento é realmente para vocês por não me deixarem desistir nos momentos de fraqueza e cansaço; orientando-me em diversas situações e sempre estando ao meu lado com palavras de apoio e força, nunca permitindo que eu desanimasse ou desistisse.

Ao meu irmão, Rafael Santana de Sousa, homem sábio e temente a Deus, que sempre me deu forças com palavras de conforto e fé, para que eu prosseguisse firme nos estudos e na vida.

Ao meu filho, Lucas Santana Sousa de Oliveira, que sempre me deu forças e contribuiu para minha formação, mesmo sem saber.

A toda minha família, que me ajudou de forma significativa em diversos momentos, em especial aos meus avós, José Santana da Silva e Josefa Lopes da Silva; à tia Geusa Santana da Silva, por ter me ajudado a realizar diversas atividades dentro da minha área; à tia Edileusa, por ter me aconselhado várias vezes; à tia Denise, por ter orado tanto por mim e por minha família; à tia Rita de Cássia Felício, que tanto me fez bem e esteve ao meu lado mesmo estando longe; à tia Neusa, que sempre esteve comigo; à tia Eleusa, que me apoiou e me auxiliou; ao meu primo Michel, que foi como um irmão para mim e aos meus avós, que foram o início dessa família que eu tanto amo.

À professora e amiga Ida Boing, por todos os ensinamentos.

Às minhas amigas que estiveram ao meu lado em momentos de sofrimento e felicidade e contribuíram com sua amizade sincera para que eu nunca desanimasse nos estudos.

À minha equipe de trabalho, em especial a Iara Roberts, que me ajudou com materiais para minha pesquisa e me deu forças em diversas situações.

À todos os amigos que encontrei nessa trajetória e que de alguma forma contribuíram para meu desenvolvimento intelectual e pessoal.

E a todos que compartilham dessa alegria comigo, e sabem como eu me esforcei para chegar até aqui.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é analisar o bilinguismo na educação infantil. Para isso, realizou-se um recorte que compreende alguns objetivos específicos como verificar a legislação, examinar as escolas bilíngues, destacando a Escola Maple Bear e escolas internacionais. Os princípios teórico-metodológicos fundamentam-se em um referencial teórico sobre algumas teorias que estudam a aquisição da segunda língua. A investigação foi realizada por meio de observações feitas em sala de aula e eventos de uma escola bilíngue, com crianças na faixa dos dois anos de idade. Foram observadas as interações dessas crianças com as professoras, os colegas e outros funcionários da escola, analisando as experiências e vivências ocorridas entre eles; de estudos bibliográficos; de pesquisa em sites. Conclui-se, pela análise das observações, que a aquisição de uma segunda língua ocorre mais facilmente dentro de um ambiente que estimule a criança a utilizá-la frequentemente, havendo espontaneidade em seu uso, e que, preferencialmente, esse estímulo ocorra desde os primeiros anos de vida. Além disso, por estarmos em uma sociedade de consumidores, as escolas têm buscado se tornar um desejo de consumo e estar dentro do que as forças mercadológicas estabelecem.

Palavras-chave: bilinguismo, educação infantil, escolas bilíngues, escolas internacionais.

ABSTRACT

This work aims at studying bilingualism in early childhood education. For this the theoretical explores the legislation, international and bilingual schools and some theories of second language acquisition. The research was conducted through observations in the classroom and events of a bilingual school, with children between the ages of two years old. We observed the interactions of these children with teachers, peers and other school staff, analyzing the experiences and experiences that occurred between them. We conclude by analyzing the observations that the acquisition of a second language occurs more easily in an environment that encourages the child to use it often, with spontaneity in their use, and that preferably, this stimulation occurs from early years. Furthermore, because we are in a society of consumers, schools have sought to become a consumer desire and be within that market forces establish.

Keywords: bilingualism, early childhood education, bilingual schools, international schools.

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Gráfico 1 - Porcentagem e distribuição de ex-alunos.....	31
Figura 1 - Sala de Aula.....	35
Figura 2 - Ranking mundial de educação PISA de 2009.....	38
Figura 3 - Ranking mundial de educação PISA de 2009.....	38
Figura 4 - Ranking mundial de educação PISA de 2009.....	39
Figura 5 - Programa de Educação Infantil.....	41
Figura 6 - Programa de Ensino Fundamental.....	42
Figura 7 - Porcentagem do uso das duas línguas.....	43

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
PARTE 1 - MEMORIAL EDUCATIVO	5
PARTE 2 - MONOGRAFIA	13
CAPÍTULO I - REFERENCIAL TEÓRICO	14
1.1. A Legislação e o ensino de inglês nas escolas.....	14
1.2. O bilinguismo na Educação infantil.....	20
1.2.1. O Processo de Alfabetização Bilíngue.....	22
1.2.2. Cuidados a serem observados.....	24
1.2.3. Tipos de Escolas que oferecem o Ensino bilíngue.....	25
1.2.4. Uma abordagem sobre as vantagens do Ensino Bilíngue.....	26
1.2.5. Uma abordagem sobre as desvantagens do Ensino Bilíngue.....	28
1.3. Escola Americana e Escola das Nações.....	29
CAPÍTULO II - METODOLOGIA	32
2.1. Metodologia utilizada.....	32
2.2. Caracterização do campo de pesquisa.....	33
2.3. Caracterização da turma.....	34
2.4. Descrição da rotina geral da sala de aula.....	34
CAPÍTULO III - ESCOLA MAPLE BEAR: FRANQUIA DE EDUCAÇÃO CANANDENSE	37
CAPÍTULO IV - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	45
CAPÍTULO V - CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
PARTE 3 - PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	52
REFERÊNCIAS	53
APÊNDICE	55

INTRODUÇÃO

A vida nas sociedades contemporâneas caracteriza-se pela sua complexidade e fragmentação. Esses aspectos fazem com que sua administração torne-se difícil. Os seres humanos destas sociedades são exigidos a moldar suas estratégias de existência em um conjunto de labiríntico de condições e possibilidades instáveis, provisórias e mutantes como enfatiza Costa (2009). Para vários estudiosos renomados da contemporaneidade como Fredric Jamenson, Zygmunt Bauman, Néstor Garcia Canclini e Beatriz Sarlo, na vida organizada para o consumo, o que move as pessoas não é a necessidade, mas o desejo. “Algo volátil, efêmero, caprichoso e insaciável” (Costa, 2009, p. 76).

Como afirma Bauman “esses nossos tempos se sobressaem por dismantelar marcos e liquefaz padrões sem aviso prévio” (2008, p. 160). Então é oportuno perguntar-se como se educa em um mundo como este quando há múltiplas possibilidades e diversificadas maneiras? Um dos ângulos de análise é a mercantilização da escola, neste estágio do capitalismo em que tudo foi transformado em mercadoria, da natureza ao inconsciente (Jameson, 1996). Em uma sociedade que molda seus membros como consumidores, diferente da sociedade em que seus membros eram produtores.

O consumo é o eixo das sociedades do presente. Na sociedade de consumidores as pessoas são ao mesmo tempo consumidoras e mercadorias (Bauman, 2008b, p. 41). Dessa forma, não é difícil compreender que as crianças e jovens de hoje (grande parte delas) ambicionem ser famoso, notado, comentado, desejado. “Quer dizer, algo para ser consumido, mais uma *commodity* da sociedade de consumidores” (Costa, 2009, p. 37).

O exposto enreda a escola para essa trama, a mercantilização da escola reafirma-se, as estratégias de *marketing* transformam a educação em mais uma *comodity*, lucrativa ao divulgar suas pedagogias como sedução e deleite para formar consumidores. A língua inglesa tornou-se um imperativo da mundialização e muitas escolas oferecem um ensino bilíngue, em que essa língua em especial é proposta como elo de ligação entre pessoas e forja possibilidades de identidade.

Graddol (2000, p. 20), aponta para a existência de uma elite que considera o inglês uma marca distintiva que em suas mais diversas manifestações “se moldam ‘corpos dóceis’ para usufruir os incontáveis benefícios que seu conhecimento e seu uso

prometem oferecer.” Dessa forma, escolas como a canadense Maple Bear tornou-se uma franquia em que das duas línguas oficiais e de destaque o francês e o inglês, esse último é o ofertado em sua escola bilíngue. Conseqüentemente, neste trabalho, analisa-se uma escola bilíngue, centra-se na educação infantil, devido à experiência da pesquisadora.

Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar como acontece e verificar a importância da educação bilíngue em uma sociedade de economia de mundialização. Como se trata de um tema denso e para aprofundar essa problemática, delimito os seguintes objetivos específicos:

- Verificar o bilinguismo na educação infantil;
- Descrever a legislação sobre o ensino de inglês no Brasil;
- Demonstrar especificidades de uma escola bilíngue e internacional.

Para isso, investigou-se uma turma de crianças de uma escola bilíngue da cidade de Brasília (Distrito Federal), observando as interações entre as crianças, professores e funcionários, analisando a utilização da segunda língua por parte das crianças e a facilidade que elas têm na aquisição da mesma.

A escolha da escola investigada se deu por conta da facilidade de acesso e de experiência desde o 3º. Semestre, como afirmado no Memorial Educativo, pois a presente autora deste trabalho era professora auxiliar da turma observada, e também por ser uma escola bilíngue com proposta do Canadá em sistema de franquias.

Este trabalho se divide em três partes: o memorial, a monografia e as perspectivas profissionais da autora.

A primeira parte trata-se de um memorial educativo onde é feito um relato sobre a trajetória educacional da autora, abordando aspectos educacionais, pessoais e afetivos que influenciaram na realização do presente trabalho.

A segunda parte, a monografia, está organizada em capítulos. No primeiro capítulo foi apresentado um movimento histórico sobre a legislação no que se refere ao ensino de uma segunda língua; feito um panorama sobre bilinguismo e esclarecido alguns equívocos sobre as diferenças entre escolas bilíngues e internacionais. O segundo capítulo traz a metodologia utilizada na pesquisa, que se fundamenta em uma

abordagem qualitativa, conduzida em forma de estudo de campo, por meio de observações em ambiente escolar. No terceiro capítulo é abordada a escola canadense e feito uma reflexão sobre educação e sociedade. No quarto capítulo é mostrada a análise e discussão dos dados. E por fim, no quinto capítulo, são feitas as considerações finais do trabalho.

A terceira parte do trabalho envolve as perspectivas profissionais da autora e traz uma reflexão pessoal sobre as intenções educativas e profissionais futuras.

Parte 1

PARTE 1

MEMORIAL EDUCATIVO

Falar da nossa vida é sempre um bom exercício de autoconhecimento e reflexão, ao mesmo tempo em que se configura como algo fácil é uma tarefa instigante, pois todas as alegrias, tristezas e caminhos trilhados em nossa trajetória são lembrados e analisados por uma perspectiva diferente.

Meu nome é Samira Santana de Sousa, sou brasiliense e sempre morei nessa cidade, o que para mim é motivo de grande orgulho. Nasci no dia 16 de novembro de 1990, logo após um feriado nacional. Meu nome foi escolhido devido ao seu significado: Amiga Inseparável. Filha de pai cearense e mãe carioca, Francisco Joaquim de Sousa e Creusa Santana de Sousa. Tenho um irmão mais velho, Rafael Santana de Sousa, graduado em ciências da computação pelo UNICEUB e um filho que se chama Lucas Santana Sousa de Oliveira, estudante do 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola na asa norte. Cito-os, pois é impossível falar sobre a minha vida sem fazer referência a eles que são a minha base familiar, as pessoas a quem eu devo a vida, e o que hoje sou.

“Se a educação sozinha não pode transformar a sociedade, tampouco sem ela a sociedade muda.” (Paulo Freire)

Por acreditar nessa capacidade de transformação que a educação possui, meus pais sempre fizeram grandes esforços e renúncias para proporcionar-me uma educação de qualidade. Aos três anos de idade, ingressei na Escola Cenecista de Brasília – CNEC, pois era a escola em que meu irmão estava estudando. Lá fiquei até o jardim III, aprendi a ler e a escrever, fiz amizades que levo até hoje, tive uma professora de alfabetização maravilhosa, com quem tenho contato até hoje e tenho um grande carinho e admiração.

O momento em que fui alfabetizada foi mágico para mim, pois abriu novas portas, trouxe sonhos, despertou interesse e vontade de aprender e só tenho boas lembranças dessa época. A minha curiosidade e vontade de mostrar que sabia ler era tanta, que lia

tudo que via em *outdoors*, em histórias em quadrinhos, livros e bilhetes. A escola era situada muito próxima da nossa residência, estudava em turno integral pela necessidade de meus pais trabalharem, porém ela ainda não tinha ensino fundamental, e precisei procurar outra escola para continuar meus estudos.

No ensino fundamental, minha mãe optou por me matricular no Colégio Santa Dorotéia, por tratar-se de uma escola religiosa, onde comecei a ter aulas de religião e aceitar Deus em minha vida. Esse fato foi ótimo para mim, pois trouxe mudanças como meu ingresso na catequese da igreja, colocar Deus como centro da minha vida, saber ser grata a ele por tudo que tenho e valorizar mais os pais e a família que ele me deu. Estudei nessa escola da 1ª à 4ª série e foi muito prazeroso. Dentro da escola havia uma minicidade com minicasas, piscina, mini-igreja, miniescola e minimercado, e nós estudantes do ensino fundamental e infantil achávamos aquilo o máximo, pois durante essas brincadeiras era possível viver e reviver fatos cotidianos da nossa forma, internalizando do nosso modo.

“Ao brincar, a criança assume papéis e aceita as regras próprias da brincadeira, executando, imaginariamente, tarefas para as quais ainda não está apta ou não sente como agradáveis na realidade.” (Vygotsky)

Nessa escola também vivenciei momentos muito felizes, como uma gincana do dia dos pais em que eu e meu pai cantamos juntos no Karaokê para fazer ponto para a minha turma; caminhadas pela paz que aconteciam frequentemente no eixão e que eu sempre participava junto à ele, entre outros diversos. Foram momentos que realmente me marcaram e que trazem lembranças eternas. Graças aos bons professores que eu tive até então, ao bom exemplo dos meus pais e à vontade da escola em estar sempre unindo escola e família, até essa fase da minha vida eu nunca tive problemas com notas e sempre fui uma aluna participativa e interessada.

Sempre troquei muito de escola, pois meus pais estavam sempre preocupados com meu bem estar e minha aprendizagem; eles procuravam escolas que oferecessem uma boa estrutura tanto física quanto didática e caso eles achassem que não estava sendo oferecido isso da forma esperada, procuravam uma escola que respondesse mais a essas expectativas. Nunca achei isso ruim, pois cada escola nova em que estudava, fazia novas amizades, conhecia novos professores e era obrigada a enfrentar minha timidez e aprender a lidar em novos espaços, respeitando as regras e as novas situações

apresentadas diante de mim. Acredito que isso foi bom, pois eu aprendi a me adaptar facilmente a diferentes locais e, a saber, lidar com diferentes pessoas em diferentes contextos.

Na 5ª série do ensino fundamental fui para o colégio Marista João Paulo II, e lá fiquei até a 7ª série. Naquela época, também comecei a sentir dificuldade em matemática e em inglês, foi quando meus pais resolveram me matricular no Kumon matemática e em um curso de inglês. O Kumon foi ótimo, pois exige prática diária e tempo de início e finalização dos deveres, tornando assim seus alunos mais disciplinados. No curso de inglês, estava tendo dificuldade quanto à pronúncia das palavras e a diferença do português para o inglês, em sua escrita e em sua cultura.

Na 7ª série, um grupo de meninas começou a criar brigas constantes comigo e com outra colega, com quem tenho contato até hoje; essas provocações e ameaças começaram sem motivo e já estavam me afetando de maneira a me deixar coagida e receosa, mesmo com a coordenação mediando o conflito. Durante aquele ano inteiro, meus pais me buscavam pontualmente na hora da saída e me deixavam pontualmente na hora do início das aulas; não saía de casa sozinha e comecei a baixar o meu rendimento na escola. Durante o intervalo da escola a coordenação colocou os bedéis para ficarem auxiliando eu e minha colega, porém as provocações continuavam, tornando-se um verdadeiro pesadelo.

No começo de 2005, passei por um grande trauma, ficando muito mal e também devido às circunstâncias citadas, mudei de escola mais uma vez. Dessa vez fui estudar no Colégio Sagrado Coração de Maria, cursar a 8ª série e estava em um período realmente difícil na minha vida, e senti muita dificuldade nos estudos e descobri também, um pouco depois, que estava grávida. Fiquei assustada demais, não sabia o que fazer com a minha vida e que rumo seguir. Decidi, desde então, que criaria o meu filho sozinha e passaria por tudo que tivesse que passar. No colégio, estava cada vez mais atrasada, porém comecei a estudar em casa sozinha e fazer exercícios escolares para tentar acompanhar o andamento da turma. Em outubro, tive o meu filho e resolvi chamá-lo de Lucas, pois tinha como significado Luminoso, e também porque tinham comentado sobre um livro que traz a história de Lucas, discípulo de Jesus, que por sinal era emocionante. Com o passar do tempo às dificuldades não passaram, mas na escola

eu havia conseguido me situar e tirar boas notas nas provas, não precisando de recuperação.

No 1º ano do ensino médio tive mais dificuldades, pelo fato de terem sido introduzidas novas matérias no currículo e eu estar cuidando do meu filho pequeno, pois precisava estudar e ao mesmo tempo tinha uma série de afazeres como mãe, aula de inglês, kumon, catequese e, ainda, sem conseguir dormir a noite, e sendo julgada por pessoas que nem conheciam a mim ou a minha história. Foi realmente um ano difícil para mim, e no final acabei reprovando em duas matérias e cursando o 1º ano novamente na mesma escola, junto a uma grande amiga, com quem tenho contato até hoje, que também reprovou.

Já cursando o 1º ano do ensino médio pela segunda vez em 2007, tive muita facilidade, primeiro porque já tinha visto toda a matéria e havia estudado durante as férias e, segundo, porque eu já estava me adaptando melhor às tarefas de ser mãe e com a minha rotina diária. A escola também me ajudou bastante e me deu todo amparo de que eu precisava, os trabalhos realizados e as provas vieram com boas notas, a minha atenção na escola havia melhorado, e isso também me deu mais segurança para realizar a 1ª fase do PAS (Programa de Avaliação Seriada) novamente. Tive muita sorte de encontrar bons professores nessa escola, porém também tive professores que acreditavam serem detentores do saber. Além disso, havia professores que muitas vezes não explicavam nada do que deveria ser ensinado e simplesmente jogavam como conteúdo dado.

Em 2008, pronta para cursar o 2º ano do ensino médio, estava bastante motivada pelo fato de ter ido super bem no PAS, porém meus pais decidiram que eu iria trocar de escola mais uma vez e nessa nova escola, foi onde eu concluiria o meu ensino médio. Decidimos então que eu iria estudar no Colégio Alub, que estava inaugurando o ensino médio e fazendo um preço promocional, o que nos agradou bastante. Nessa escola, fiquei ainda mais motivada e interessada em entrar na UnB, pois eles realmente têm isso como objetivo central, e como todos os professores que lecionavam nesse colégio eram formados pela UnB, acabavam passando mais segurança para nós alunos e acredito que para os pais também, pois eles tinham bastantes dicas sobre as provas de vestibular. Faziam plantões nos finais de semana, aulas no turno contrário das aulas e cursinho com desconto maior em qualquer unidade Alub, porém eu nunca participei dessas aulas

ou vantagens oferecidas no turno contrário, pois eu tinha me decidido a realizar um estágio, para poder ter mais independência financeira e poder arcar com algumas despesas mínimas, visto que meus pais estavam me ajudando muito e ainda havia gastos com o meu filho. No começo, minha mãe hesitou um pouco em me deixar fazer um estágio, porém mostrei a ela que daria conta perfeitamente de conciliar as três atividades (escola, trabalho e filho) e que ainda tiraria boas notas e passaria de ano tranquilamente além, é claro, de tentar conquistar minha vaga na Universidade de Brasília.

Com o passar do ano, consegui levar tranquilamente as minhas obrigações e me formar no curso de inglês, o que para mim era um sonho, pois sempre tive um pouco de dificuldade quanto à pronúncia das palavras. Também estava conseguindo conciliar o trabalho com o colégio e feliz por possuir uma renda, a qual me ajudava e me fazia sentir mais independente. Estava adorando o novo colégio, minhas colegas eram muito solidárias comigo, os professores eram muito tranquilos e cobravam na medida certa, porém, havia muito uso de drogas e brigas na escola, mas nunca foi algo que chegou a me atrapalhar, porque eu realmente não concordava com esse tipo de atitude e procurava me isolar mais desses acontecimentos na escola e das pessoas que ocasionavam isso. Consegui focar no meu objetivo e atingir com êxito, pois além de ter passado com facilidade e notas altas no colégio, também fui bem sucedida na segunda etapa do PAS, o que trouxe muita alegria para mim e para os meus pais, porque para o meu pai sempre foi um sonho muito grande que eu entrasse na UnB, e ele sempre acreditou muito que eu iria conseguir.

Estava realmente feliz naquela escola e acreditando que eu conseguiria entrar na UnB. Estava cursando o terceiro ano do ensino médio e tinha que escolher o curso que eu gostaria de fazer para realizar a última etapa do Programa de Avaliação Seriada. Decidi, então, procurar por uma orientação, tanto na escola quanto com um psicólogo. Após isso resolvi fazer o curso de Pedagogia, porque achava que o curso tinha tudo a ver com a minha vocação, e que seria bom até para mim como mãe. Consegui passar tranquilamente no colégio e realizei a terceira etapa do PAS sem dificuldades, estando confiante da minha escolha e também do que eu havia estudado durante o ano para essa prova. Ao sair o resultado fiquei surpresa, havia passado na 1ª chamada e estava muito emocionada, feliz e realizada. Fui correndo contar a novidade para o meu pai e ele chorou de emoção. Foi uma cena realmente emocionante e que eu nunca conseguirei

esquecer. Minha mãe nunca teve a mesma crença que o meu pai quanto a eu estudar na UnB, porém ela ficou muito feliz também, assim como toda a minha família.

“Tudo o que um sonho precisa para ser realizado é alguém que acredite que ele possa ser realizado.” (Roberto Shinyashiki)

Assim como na citação acima, tudo que eu precisei para realizar o meu sonho foi do meu pai acreditando que o meu sonho era possível, pois isso me deu confiança e vontade de realizá-lo; serei eternamente grata a ele por isso.

Senti-me muito feliz por estar em uma universidade de renome, estava eufórica e queria conhecer o seu funcionamento, sua sistemática, os professores e as possibilidades oferecidas. Já no primeiro semestre, fiquei totalmente assustada, ao mesmo tempo em que tive um ótimo acolhimento, tive também uma professora que me deixou completamente desanimada e temerosa, era uma rotina completamente diferente e demorei um pouco para me acostumar às extensas leituras, ao grande número de trabalhos e seminários que deveriam ser realizados e que eram tão distante do que eu já havia vivenciado em minha vida acadêmica. Apesar de ter saído totalmente traumatizada desse primeiro semestre, consegui passar em todas as matérias com boas menções.

No segundo semestre, decidi que iria priorizar as matérias obrigatórias e me dedicar com afinco a essa nova fase da minha vida. Escolhi sete matérias, sendo apenas uma optativa e as outras seis obrigatórias. Gostei bastante de todas, e me senti motivada novamente a fazer o meu curso de Pedagogia e seguir o meu sonho. Passei em todas as disciplinas com notas bem melhores que as do primeiro semestre, sendo tomada por uma alegria enorme, pois havia aprendido de fato e me esforçado para conseguir o sucesso que eu conseguia. A partir desse semestre tudo melhorou, e continuei priorizando as matérias obrigatórias e tentando pegar o máximo de créditos possível, pois queria ter a alegria de me formar na profissão que escolhi e realizar mais uma vez o sonho do meu pai em me ver graduada pela Universidade de Brasília. Quanto mais ia conhecendo a universidade e os novos conhecimentos que estava aprendendo, mais me apaixonava pela profissão e tinha certeza da escolha que havia feito.

Durante o terceiro semestre comecei a realizar um estágio em uma escola bilíngue, pois gostaria de tentar colocar na prática algumas coisas que estava aprendendo na teoria e sentir um pouco da experiência do mercado de trabalho nessa profissão. Assumi

então a função de professora auxiliar e fiquei lá por um semestre, pois estava achando difícil conciliar a faculdade com um estágio de seis horas diárias, apesar de ter conhecido pessoas maravilhosas nessa escola e ter aprendido muita coisa. Decidi sair e focar em meu curso e procurar um estágio quando tivesse realmente condições de cumprir essa responsabilidade. Nesse período, também tive um grande problema, pois foi descoberta uma doença maligna em meu pai e isso me trouxe muita revolta, muito desespero e desânimo, mas como acreditava em sua cura, decidi continuar buscando o meu sucesso acadêmico.

No segundo semestre de 2011, quando estava cursando o quarto semestre, tudo estava indo muito bem, eu estava gostando realmente das matérias que estava realizando e cada vez mais decidida a trabalhar com crianças, porém em novembro, acabei recebendo a pior notícia da minha vida, o falecimento do meu pai. Isso me desestruturou totalmente, não tinha mais força de vontade nenhuma em continuar fazendo algo ou continuar indo para a UnB, que só me trazia a imagem do melhor homem que já conheci em minha vida. Por sorte, já estava no final do semestre e aprovada em todas as disciplinas, além de não ter faltas e poder usá-las nesse momento.

Após um longo período de férias e já um pouco melhor dessa grande perda, fui encorajada por minha mãe e por várias professoras da Faculdade de Educação a continuar trilhando meu caminho e oferecer essa alegria à memória do meu pai pois, com certeza, ele estaria vibrando com todas as minhas vitórias e torcendo por mim, onde ele estivesse. Então me matriculei como de costume pelo sistema, e continuei pegando o máximo de disciplinas obrigatórias possíveis para, dessa forma, escolher bem as optativas que gostaria de realizar no final do curso. Consegui passar em todas e tirar boas menções em todas as disciplinas que cursei. Apesar de não estar com o mesmo ânimo, perseverei, pois queria de qualquer forma, dedicar essa alegria para o meu pai, ele vendo daqui ou do céu.

Continuei fazendo o curso de Pedagogia e com o estímulo de muitos professores que passaram em meu caminho e a mão estendida da minha família, consegui passar pelos semestres seguintes também com boas menções, e conseguir um segundo estágio em mais uma turma bilíngue, o que mais uma vez me trouxe grande experiência e prazer em lecionar, pois como assumi muitas vezes a turma, tive uma grande experiência do que é ser uma pedagoga e das responsabilidades que essa profissão exige. Senti-me

acolhida e bastante feliz nessa instituição de ensino e principalmente trabalhando em uma turma bilíngue, pois tanto a experiência nessa escola como na outra, trouxe-me vários questionamentos sobre a aprendizagem da criança e sobre o contexto bilíngue de educação, a qual tem se popularizado cada vez mais e atraído à atenção de muitos pais e educadores.

Com a graça divina, em breve estarei concluindo o meu curso de Pedagogia, com o coração transbordando de ansiedade e alegria para que eu possa, enfim, colocar em prática todos os ensinamentos aprendidos, fazendo da minha escolha e profissão uma extensão para abrir caminhos, perspectivas e motivação a todos os que eu puder transmitir os meus ensinamentos.

Parte 2

PARTE 2

MONOGRAFIA

CAPÍTULO I

1.1. A LEGISLAÇÃO E O ENSINO DE INGLÊS NAS ESCOLAS

A aquisição de línguas estrangeiras (LE) sempre foi algo presente historicamente, isto porque este conhecimento é importante para as atividades comerciais, trabalhistas e políticas, além de difundir conhecimentos científicos e produções culturais. Nesse campo das línguas estrangeiras, ocorreram várias mudanças. Chaguri (1981) fala sobre as mudanças nesse cenário e como ocorreram.

Ao longo da História, houve várias mudanças no cenário do ensino de Língua Estrangeira (LE) no Brasil. Elas ocorreram não somente na estrutura desse componente curricular das escolas de ensino fundamental e médio, mas também, na estrutura do currículo escolar que sofreu constantes transformações em decorrência dos aspectos políticos, sociais e econômicos. Decorrente a este contexto, compreendemos que a História não se organiza pela cronologia, mas ela se organiza pela relação de poder, pela relação de sentido. E essa relação de poder (política), que determina a escolha de uma língua a ser utilizada (CHAGURI, 2010 pág. 18).

A língua inglesa, no entanto, intensificou-se após a segunda guerra mundial, pois a dependência econômica e cultural do Brasil em relação aos Estados Unidos aumentou e falar inglês passou a ser uma grande necessidade. Segundo Phillipson (1992) a predominância da língua inglesa no mundo se deve a diversas razões, dessa forma, ela é resultado do colonialismo britânico, da interdependência internacional e da revolução na tecnologia, comércio e transporte e também pelo fato de ser o inglês a língua falada nos Estados Unidos, e o mesmo ser a maior potência política, militar e econômica no mundo atualmente.

No ano de 1942, houve o início da chamada Reforma Capanema, que propôs como objetivos, mudanças na estrutura do sistema educacional brasileiro, proporcionando uma formação cultural consistente. Citando Leffa (1999), é possível verificar com relação ao ensino de língua estrangeira, que:

A Reforma Capanema, ainda que criticada por alguns educadores como um documento fascista pela sua exaltação do nacionalismo, foi, paradoxalmente, a reforma que deu mais importância ao ensino das línguas estrangeiras. Todos os alunos, desde o ginásio até o científico ou clássico, estudavam latim, francês, inglês e espanhol. Visto de uma perspectiva histórica, as décadas de 40 e 50, sob a Reforma Capanema, formam os anos dourados das línguas estrangeiras no Brasil. (LEFFA, 1999, p. 8).

Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1961, a obrigatoriedade do ensino de línguas estrangeiras no Brasil foi retirado, tanto na escola básica como em todo o ensino médio. Dessa forma, ficaria a cargo dos Estados a opção pela inclusão das mesmas nos currículos das quatro últimas séries do ensino fundamental, este com duração de oito anos.

Com a reconfiguração no âmbito das línguas estrangeiras, Leffa (1999), fala sobre a criação de um Conselho Federal de Educação, “constituído por 24 membros nomeados pelo Presidente da República, por seis anos, dentre pessoas de notável saber e experiência, em matéria de educação.” As decisões tomadas sobre o ensino da língua estrangeira ficaram sob a responsabilidade dos Conselhos Estaduais de Educação e a língua inglesa, de forma geral, permaneceu sem grandes alterações. Leffa (1999) traz ainda uma comparação em relação à reforma Capanema e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação:

Comparada à Reforma Capanema e à LDB que veio em seguida, a lei de 1961 é o começo do fim dos anos dourados das línguas estrangeiras. Apesar de ter surgido depois do lançamento do primeiro satélite artificial russo, que provocou um impacto na educação americana, com expansão do ensino das línguas estrangeiras em muitos países, a LDB do início da década de 60, reduziu o ensino de línguas a menos de 2/3 do que foi durante a Reforma Capanema. (LEFFA, 1999, p. 9).

A falta de obrigatoriedade que a LDB de 1961 trouxe para o ensino de LE nas escolas causou um retrocesso, pois mesmo com o reconhecimento de todos os setores da sociedade sobre a importância das mesmas, as políticas educacionais não asseguravam a inserção com qualidade nas escolas, e nessa busca, as classes mais altas foram privilegiadas, pois procuraram garantir a aprendizagem com professores particulares ou em escolas de idiomas, e por falta de condições de buscar estes mesmos caminhos, as classes menos favorecidas ficaram carentes dessa aprendizagem.

No ano de 1971, houve uma nova reforma introduzida no sistema educacional brasileiro, foi o início da LDB 5692/71, que institui o ensino profissionalizante. Nesta lei, foi trazida a fixação de núcleo comum para os currículos de ensino de primeiro e segundo graus, o que resultou em uma redução drástica da carga horária de ensino das disciplinas de formação geral. Além de ser minimizada a importância da língua estrangeira já oferece, também, uma desculpa para que seu ensino não ocorra, pois o condiciona às condições de cada escola. No Parecer 853/71 de 12 de novembro de 1971, é feita uma justificativa da inserção de LE, da seguinte forma:

Não subestimamos a importância crescente que assumem os idiomas no mundo de hoje, que se apequena, mas também não ignoramos a circunstância de que, na maioria de nossas escolas, o seu ensino é feito sem um mínimo de eficácia. Para sublinhar aquela importância, indicamos expressamente a "língua estrangeira moderna" e, para levar em conta esta realidade, fizemo-la (sic) a título de recomendação, não de obrigatoriedade, e sob as condições de autenticidade que se impõem. (LDB, 1971).

Para Leffa (1971), a redução da carga horária das disciplinas de formação geral, a redução de um ano de escolaridade e a necessidade de inserção de habilitação profissional provocou redução nas horas de ensino de LE, e, muitas escolas tiraram a língua estrangeira do currículo de ensino do primeiro grau enquanto que, no segundo grau, não ofereciam mais do que uma hora por semana. Com isso, muitos alunos, principalmente do ensino supletivo, passaram pelo primeiro e segundo graus, sem terem visto uma LE.

Deste modo, o prestígio do ensino de línguas estrangeiras vai ficando inferior em comparação a outras disciplinas do currículo, chegando até ao ponto em que, alguns

estados brasileiros não poderiam reprovar seus alunos, como por exemplo, o estado de São Paulo, que teve essa disciplina transformada em atividade, com o propósito único de aproveitar os professores existentes.

Esse cenário, de acordo com Silva, Reis, Santos, Andrade, Santos e Carvalho (2010) inaugurou o “monolingüismo estrangeiro” na escola brasileira. Com a promulgação desta lei ficam claros os objetivos da política de implantação da língua inglesa como componente curricular, a fim de garantir um mercado consumidor para produtos ingleses, e deixar desvalorizado, a presença de outras línguas, como espanhol, italiano e o francês. O ensino de LE acabou sendo um instrumento de classes dominantes para, segundo Nicholls (2001) manter privilégios, impondo domínio social, político, cultural e econômico.

Em 1996, houve uma nova configuração educacional, pois foi promulgada a Lei 9.394/96, a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). De acordo com Saviani (2008), o aspecto político por de trás desta Lei é notável, pois após longos debates e negociações para um projeto educacional, de educadores junto ao governo, aprovou-se uma proposta alternativa de caráter autoritário, que foi sancionada pelo Presidente da República no dia 23 de dezembro de 1996. Conforme ressalta Saviani (2008), após a aprovação da mesma, os membros do Conselho Nacional de Educação tiveram uma oportunidade mínima de influenciar nas determinações nacionais da educação, dado que “os membros deveriam ser detentores do poder ideológico” (BOHN, 1997, p. 252). Um exemplo do Estado autoritário, de acordo com Peroni (2003), diz respeito à metodologia utilizada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o ensino fundamental. A participação no processo de elaboração foi de poucas pessoas, como professores do ensino fundamental, pois para a construção deste documento, foi contratada uma equipe pela Secretaria de Ensino Fundamental do MEC e constituída para se encarregar dos pressupostos que deveriam constituir o documento, tanto em nível teórico como prático.

Com essa nova LDB e com a mudança de gestão do governo, foram introduzidos os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) e foram trazidas mudanças positivas e favoráveis para o ensino de LE, principalmente pelo fato de tornar obrigatório o seu ensino, a partir da 5ª série do ensino fundamental. Ficou determinado que o ensino de primeiro e de segundo graus seja denominado, a partir de então, como Ensino

Fundamental e Ensino Médio. No Art. 26 Parágrafo 5º, fica evidente a determinação legal da inclusão de língua estrangeira no Ensino Fundamental:

Na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, a partir da quinta série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição.

Em relação ao ensino médio, a lei dispõe que:

Será incluída uma língua estrangeira moderna, como disciplina obrigatória, escolhida pela comunidade escolar, e uma segunda em caráter optativo, dentro das disponibilidades da instituição (Art. 36, Inciso III).

E, ainda, o inciso IV do Art. 24 permite:

A organização de classes, ou turmas, com alunos de séries distintas, com níveis equivalentes de adiantamento na matéria, para o ensino de línguas estrangeiras, artes, ou outros componentes curriculares.

Dessa forma, fica nítida a contribuição para a expansão e reconhecimento maior para a área de formação humanística, o que inclui o ensino de língua estrangeira. A escolha pela língua inglesa acaba sendo algo notável, pelo multiculturalismo que ela representa, sendo ela a língua semioficial ou oficial em mais de sessenta países diferentes e, também, pelo fato de ser o idioma da tecnologia e das relações internacionais como afirma Silva, Reis, Santos, Andrade, Santos e Carvalho (2010).

Apesar disso, Nicholls (2001) traz o descaso com o ensino de LE por parte das agências governamentais em escolas públicas, mesmo havendo os dispositivos legais:

O fato de se distribuir gratuitamente entre os alunos o livro didático de todas as disciplinas, exceto o de língua estrangeira. Descaso? Desprezo? Ou desinformação? (...), o professor se vê obrigado a verdadeiros malabarismos financeiros e estratégicos para proporcionar aos alunos o material, geralmente fotocopiado, necessário ao estudo da disciplina. Que destino essas folhas avulsas tomam após a aula? Quem sabe? (NICHOLLS, 2001, p.17).

Além desse descaso e indagado também o fato de não haver o ensino de LE nas séries iniciais (1ª a 4ª série) principalmente em escolas públicas, haja vista a presença nas escolas particulares.

Diante dos avanços e transformações no âmbito educacional, sugerimos a Língua Estrangeira, no caso a Inglesa, também nas séries iniciais, pois ela caminhará com a língua materna, dando acesso a uma comunicação intercultural, pois, por meio do aspecto cultural, aprender uma segunda língua favorece um maior desenvolvimento intelectual da criança que assimila uma segunda língua com maior naturalidade quando exposta a ela mais cedo (BROWN 2001, *apud* SILVA, REIS, SANTOS, ANDRADE, SANTOS & CARVALHO 2010).

É possível de qualquer forma perceber essa preocupação com a educação globalizada, e, que somente por meio de LE o conhecimento pode ser divulgado e expandido (Egito e Silveira, *apud* Moura, 2008). É reconhecido também pelos Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino médio que:

No âmbito da LDB, as Línguas Estrangeiras Modernas recuperam, de alguma forma, a importância que durante muito tempo lhes foi negada. Consideradas, muitas vezes, de maneira injustificada, como disciplina pouco relevante, elas adquirem, agora, a configuração de disciplina tão importante como qualquer outra do currículo, do ponto de vista da formação do indivíduo. Assim, integradas à área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, as Línguas Estrangeiras assumem a condição de ser parte indissolúvel do conjunto de conhecimentos essenciais que permitem ao estudante aproximar-se de várias culturas e, conseqüentemente, propiciam sua integração num mundo globalizado. (PCN p. 25 *apud* MOURA p. 255).

Com a apresentação do que a LDB propõe, é possível mostrar alguns apontamentos expostos pelos PCNs, pois estes estão diretamente relacionados à LDB e pontuam os conteúdos que devem ser trabalhados em sala de aula. Em relação às LEM, os PCNs (1998), nos apresentam a proposta em relação à grade escolar:

Aumentar o conhecimento sobre linguagem que o aluno construiu na sua língua materna, por meio de comparações com a língua estrangeira em vários níveis; possibilitar que o aluno, ao se envolver nos processos de construir significados nessa língua, se constitua em um ser discursivo no uso de uma língua estrangeira. (p. 29).

Podemos identificar também no seguinte trecho uma justificativa para a inserção das línguas estrangeiras modernas:

Pelo seu caráter de sistema simbólico, como qualquer linguagem, as Línguas Estrangeiras Modernas funcionam como meios para se ter acesso ao conhecimento e, portanto, às diferentes formas de pensar, de criar, de sentir, de agir e de conceber a realidade, o que propicia ao indivíduo uma formação mais abrangente e, ao mesmo tempo, mais sólida. (BRASIL, 2000, p. 26).

A aprendizagem e o ensino de LEM devem facilitar o intercâmbio cultural e a socialização dos conhecimentos em diversos locais, sem que haja prejuízo das próprias identidades culturais e que este não contribua para a exclusão social. Com o apoio das Secretarias de Educação e da garantia da Lei 9.394/96, o mínimo de qualidade de ensino de línguas estrangeiras deve ser assegurado para a formação do indivíduo.

1.2. O BILINGUÍSMO NA EDUCAÇÃO INFANIL

Nos dias atuais, devido principalmente à grande concorrência existente entre as diversas instituições de ensino e a enorme competitividade que ocorre por uma colocação privilegiada no mercado de trabalho, o conhecimento e domínio de uma língua estrangeira, preferencialmente o inglês, tornou-se uma necessidade, por ser a língua da maior potência mundial e diante dos avanços tecnológicos ocorridos na área da informática, onde o acesso à internet possibilita a comunicação mundial em tempo real, sendo o inglês o idioma de maior mundialização e compartilhamento.

Em quase todos os países do mundo e em todas as classes sociais, segundo Grosjean (1982), o bilinguismo já existe há muito tempo. A utilização de duas ou mais

línguas é comum em países como o Canadá, Suíça, Bélgica, Espanha, alguns países asiáticos, africanos e latino-americanos, sendo difícil encontrar um país que seja exclusivamente monolíngue, argumenta o autor e explica:

O bilinguismo é mundial, é um fenômeno que existe desde o começo da linguagem na história humana. É provavelmente verdade que nenhum grupo de linguagem tenha existido isolado de outros grupos, e a história da linguagem está repleta de exemplos do contato da língua levando a alguma forma de bilinguismo. (GROSJEAN, 1982, p. 1).

No cenário educacional brasileiro, algumas escolas do setor público têm introduzido em seu componente curricular o estudo de uma língua estrangeira não focando, no entanto, o estudo aprofundado da mesma. Outras escolas particulares, entretanto, estão implantando o estudo bilíngue já no 1º. ano do ensino fundamental, onde tal exigência só é obrigatória a partir do 5º. ano do referido ensino, introduzindo o estudo bilíngue, efetivamente, que consiste no aprendizado aprofundado de duas línguas, cumulativamente, numa mesma instituição de ensino regular.

Nas escolas particulares, o processo de ensinar e aprender uma língua estrangeira já se encontra consolidado no ensino fundamental, estando em plena expansão no ensino público (Santos, 2005); Rocha, 2006; entre outros). Por volta da década de 50 (cinquenta), ocorreram diversas reformas no ensino de língua estrangeira inglesa, especificamente, na escola pública brasileira, tendo sido ineficientes para reverter a história de fracasso que tal estudo pleiteava.

O presente trabalho focará, tão somente, o estudo bilíngue na idade infantil, analisando também os aspectos positivos e negativos, mas excluindo-se de uma opinião conclusiva sobre o assunto em questão.

Temos algumas escolas particulares em Brasília de ensino regular efetivamente bilíngue, bem como escolas de línguas voltadas somente para o ensino de uma língua estrangeira e tendo como alvo também o público infantil.

Estudos existem que afirmam ser a idade infantil a melhor fase para aprender e assimilar o aprendizado de uma língua estrangeira, na pressuposição de que a criança tem condições de aprendê-la mais facilmente que o adulto.

Convergindo a este respeito Brewster, Ellis & Girard (2002, p. 21) enfatizam que “por si só”, o início da aprendizagem de línguas na infância “não pode ser”, automaticamente uma vantagem.

Tal fato aliado à aparente ineficiência do ensino de línguas nas escolas regulares, em especial nas escolas do setor público, conforme pontuam Grigoletto (2003), Oliveira (2003), entre outros, faz com que o ensino de língua estrangeira nas séries iniciais do ensino regular seja motivo de muitos questionamentos. Inserir disciplina inglesa na educação infantil é proporcionar às crianças um contato precoce com a língua, o início de um bilinguismo.

Para um bom aprendizado do estudo bilíngue na fase infantil, faz-se necessário que os professores sejam bem formados e preparados e que a estrutura escolar disponibilize meios para que os aprendizes obtenham os resultados propostos e esperados.

Escolas bilíngues são, especificamente, as que ensinam duas línguas, cumulativamente, fazendo uso das mesmas regularmente e simultaneamente, proporcionando ao aluno aprender e escrever, falar e ler ao mesmo tempo dois tipos de idioma, sendo um deles o seu idioma de origem. Em São Paulo, concentra-se o maior número dessas escolas.

Os educadores devem ser graduados no curso de letras ou pedagogia, e possuírem fluência em um segundo idioma. A estrutura escolar deve disponibilizar meios para que os aprendizes obtenham os resultados propostos, assegurando os objetivos educacionais que proporcionarão um ensino de qualidade.

A clientela alvo das escolas bilíngues é, em sua maioria, de filhos de estrangeiros que residem no Brasil, como forma de dar continuidade aos seus estudos, sem prejuízo de esquecimento da língua de sua pátria.

1.2.1. O Processo de Alfabetização Bilíngue

No processo de alfabetização bilíngue, o momento mais delicado ocorre quando acontece o diálogo entre as línguas, por tratar-se do período em que a criança

passa pelo processo de aprendizagem dos processos de codificação e decodificação da língua escrita. Caberá à escola optar por qual dos dois idiomas vai introduzir a leitura e a escrita, ou se a alfabetização ocorrerá simultaneamente em ambas as línguas.

O Plano Nacional de Educação 2001-2010 – PNE, determinado pela Lei de Diretrizes e Bases 9.394/1996, em seu artigo 87º. parágrafo 1º., faz um diagnóstico da situação educacional das crianças de zero a seis anos, identificando a importância do período para o desenvolvimento humano e de profissionais especializados para trabalhar com esse nível de ensino:

Se a inteligência se forma a partir do nascimento e se há “janelas de oportunidades” na infância, quando um determinado estímulo ou experiência exerce maior influência sobre a inteligência do que em qualquer outra época da vida, descuidar desse período significa desperdiçar um imenso potencial humano. Ao contrário, atendê-la com profissionais especializados capazes de fazer a mediação entre o que a criança já conhece e o que pode conhecer significa investir no desenvolvimento humano de forma inusitada. (DIDONET, 2000, p. 39).

Segundo a Dra. Selma Moura, doutoranda em Linguística Aplicada pela UNICAMP e mestre em Educação pela USP, “Não são duas alfabetizações, é uma só. Quando a criança entende o código da língua, só vai fazer uma mudança, uma transposição de som.”

Para Gabriela Argolo, coordenadora pedagógica da escola bilíngue Play Pen em São Paulo, “...a alfabetização tem de acontecer na primeira língua, porque assim a criança levanta hipóteses sobre a escrita a partir do seu maior contexto.” Para ela, o aluno que se alfabetiza uma vez só, em português, transfere as descobertas que fez no código dessa língua matriz para outra que aprenda depois.

Nas escolas bilíngues, a estratégia de imersão na segunda língua na educação infantil é recorrente, ocorrendo posteriormente à alfabetização na língua materna no ensino fundamental. A idade de admissão varia de instituição para instituição acontecendo, geralmente, do primeiro ao terceiro ano de vida. Posteriormente, diminui a carga do inglês e aumenta progressivamente a de português.

Na escola Suíço-Brasileira, em São Paulo, a alfabetização começa pela língua materna, mas como existem alunos de vinte e quatro nacionalidades diferentes na instituição, cada aluno é alfabetizado na sua língua materna, e não necessariamente no português. No 1º. ano a alfabetização ocorre na língua materna da criança, no 2º. ano no alemão (ou no português, dependendo de sua nacionalidade), no 6º. ano é introduzido o inglês, no 8º ano o francês e, no primeiro ano do ensino médio, o espanhol (a única língua optativa). Segundo Bernhard Beutler, diretor da instituição, “Todas as línguas são trabalhadas como ferramentas, e não como línguas estrangeiras.”

1.2.2. Cuidados a serem observados na educação bilíngue infantil

Ao matricular-se uma criança numa escola bilíngue deve-se observar, primeiramente, a escolha de uma instituição com valores e filosofia com os quais os pais se identifiquem. Deve-se também atentar para a proficiência dos professores no idioma e o número de horas que a criança ficará exposta à outra língua e, finalmente, deve-se observar se o aluno está adquirindo proficiência em pelo menos um dos idiomas, no transcorrer do tempo. Selma Moura, da UNICAMP, ressalta que a introdução de uma segunda língua deve ocorrer com naturalidade e sem pressão, observando-se o interesse da criança e seu nível de desenvolvimento no idioma.

A educação infantil, não foi sempre igual, até porque a própria forma de ser criança, a infância, não é única e estável, sofre permanentes mudanças relacionadas à inserção concreta da criança no meio social. Estas permanentes transformações também no âmbito conceitual e das ideias que a sociedade constrói acerca da responsabilidade sobre a construção dos novos sujeitos. (ROCHA, 2003, p. 1).

A escola bilíngue Maple Bear tem como preceito trabalhar cumulativamente dois idiomas, respeitando o tempo de aprendizado das crianças e aplicando o conceito canadense de “instrução diferenciada”, que traz flexibilidade do aprendizado. Segundo Jim Leary, diretor pedagógico para a América do Sul, “Podem ser grupos flexíveis que progridem no seu próprio ritmo e com apoio focado do corpo docente, ou a realização,

em torno de um tema, de atividades diferentes para cada aluno, respeitando seu estilo de aprender.”

Segundo Ana Paula Mariutti, presidente da Organização das Escolas Bilíngues de São Paulo, não existe uma idade certa para começar, mas sim uma idade em que a língua é tratada com mais naturalidade. Enfatiza que “muitos pais pensam que colocar o filho em uma escola bilíngue cedo não adianta, porque ele não entende nada. Mas só aprendemos a língua quando somos expostos a ela.”

O que se deve entender, no entanto, é que cada criança tem suas características e necessidades próprias, e não pode haver cobranças e avaliações rígidas e nem sobrecarga, mas um procedimento que possa prevenir os problemas.

1.2.3. Tipos de Escolas que oferecem o Ensino de Idiomas no País

O Brasil, a exemplo de outros países, oferece diferentes opções de escolas de aprendizado de línguas estrangeiras voltadas ao público infantil, assim como da língua materna, conforme discriminadas a seguir:

Escola monolíngue: É a tradicional escola que dá aulas em português e tem, no quadro de disciplinas, o inglês, o espanhol ou outro idioma. Vale lembrar que o ensino de idiomas é obrigatório segundo a lei brasileira. E esse aprendizado é cobrado no vestibular, por exemplo.

Escola bilíngue: As disciplinas podem ser ministradas tanto em português, quanto em outro idioma (inglês, francês, alemão, conforme a instituição de ensino). Ou seja, nesse tipo de colégio, muitas vezes o estudante poderá assistir a uma aula de frações em outra língua, que não o português. Normalmente, as escolas bilíngues utilizam o calendário letivo brasileiro e os parâmetros curriculares nacionais – podendo oferecer currículos extras, exceção feita a Escola Americana que utiliza um calendário próprio.

Escola Internacional: O currículo normalmente vem de fora, de acordo com o país de origem da instituição de ensino. As datas de aulas também. Ou seja, o ano letivo poderá começar em agosto, quando as escolas da Europa e dos Estados Unidos dão início às suas atividades escolares. Pode ser interessante para a obtenção de um certificado válido no exterior, caso a família se mude do Brasil e queira facilitar a continuidade dos estudos do filho.

Programa de aprendizado intensivo de idiomas: Escolas monolíngues têm investido na oferta de aulas de inglês extracurriculares para seus estudantes. Às vezes, a opção sai mais em conta do que escolas internacionais ou bilíngues. A facilidade é que o aluno não precisa sair do prédio onde estuda.

Escolas de idiomas: São as tradicionais instituições que ensinam línguas de forma livre. Cada uma define seu currículo livremente, seguindo padrões adotados. Algumas oferecem parcerias e descontos com colégios monolíngues.

Há que se destacar, ainda, que apesar de as escolas internacionais se considerarem bilíngues e de as bilíngues muitas vezes oferecerem a oportunidade de obter um diploma internacional, tradicionalmente, uma escola internacional é aquela que está habilitada para ensinar o currículo de outro país (o que permite que os estudantes egressos sejam aceitos por universidades estrangeiras com mais facilidade), enquanto uma escola bilíngue é aquela que usa no mínimo dois idiomas para ministrar as disciplinas tradicionais e o currículo nacional (embora muitas vezes ele seja complementado com o internacional). Se antes o público dessas escolas era praticamente estrangeiro, hoje é, em sua maioria, composta de brasileiros interessados em uma formação mais ampla. No Brasil, ainda existem outros três subtipos de escolas bilíngues: as interculturais indígenas, escolas para surdos e as de fronteira, que recebem docentes de países vizinhos que ministram aulas de espanhol.

1.2.4. Uma abordagem sobre as vantagens do Ensino Bilíngue

A transformação do inglês em língua de comunicação global, aliada ao fato de que conhecer bem outra língua traz inúmeros benefícios para a vida de uma criança, tem ocasionado grande procura das famílias pelo método bilíngue de educação para seus filhos, desde a mais tenra idade.

O interesse no ensino-aprendizagem de língua estrangeira para criança nas mais variadas situações, tem sido crescente e mundial. Dentro desse contexto, atenta-se para o (controverso) papel do inglês como língua universal ou internacional (Mckay, 2001; Brito, 1999) evidenciando-se, em decorrência, a forte tendência para que seu aprendizado tenha início cada vez mais cedo.

O jornalista Gray Matter, em matéria publicada no jornal americano The York Times juntou pesquisas de cientistas, pesquisadores e educadores que comprovaram que pessoas bilíngues são mais hábeis, mostrando que no cérebro de um bilíngue ambos os

sistemas de linguagem estão ativos, mesmo quando ele está usando apenas um dos idiomas.

Segundo pesquisa realizada pela Universidade de York, de Toronto, Canadá, mostrou que as crianças bilíngues desenvolvem habilidades cognitivas mais rapidamente do que aquelas alfabetizadas somente em uma língua. A capacidade de concentração nessas crianças é maior, apesar da aquisição do vocabulário ocorrer em um ritmo mais lento, mas a compreensão da estrutura da linguagem é mais profunda.

O pesquisador Fraser Lauchlan da Escola de Ciências Psicológicas e Saúde da Universidade de Strathclyde, na Escócia, em um estudo conduzido por ele com 121 (cento e vinte e uma) crianças bilíngues e monolíngues, na faixa etária de 9 (nove) a 10 (dez) anos de duas escolas, uma na região da Sardenha, na Itália, e outra no país do cientista, concluiu que “... pode haver benefícios demonstráveis, não só na linguagem, mas na resolução de problemas de aritmética, permitindo às crianças pensar de forma criativa. Também avaliamos o vocabulário delas, não tanto pelo reconhecimento das palavras mas pela compreensão. Houve uma diferença acentuada no nível de detalhes e riqueza na descrição feita pelos alunos bilíngues.” Concluiu também que “... as crianças bilíngues atingem uma performance melhor em algumas atividades mentais do que aquelas que falam somente um idioma.”

O professor Enrique Huelva, diretor do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, explica que o aprendizado de duas línguas simultaneamente leva ao desenvolvimento das chamadas competências metalinguísticas. Entende Huelva que “No momento em que nós aprendemos duas línguas, desenvolvemos a capacidade da comparação. É poder olhar para um problema e ver não só uma possibilidade, mas várias.”

Estudos realizados pela neurocientista Ellen Bialystock, da Universidade de York, no Canadá comprovaram e concluíram que no estudo de 211 (duzentos e onze) casos analisados os bilíngues, por maior capacidade de concentração, tem menor predisposição ao Mal de Alzheimer e que quando acometidos na fase adulta, adiam em até 5 (cinco) anos os sintomas da doença, se comparados aos monolíngues.

A revista médica “Trends in Cognitive Sciences” publicou o estudo “Bilinguismo: Consequências para a Mente e o Cérebro”, onde os cientistas responsáveis pelo estudo acreditam que o uso de duas línguas estimula regiões do cérebro que são básicas para a atenção geral e o controle cognitivo. Ao administrar duas línguas simultaneamente, o sistema de controle executivo do cérebro, que é o que

facilita a concentração, é executado de forma contínua para evitar conflitos entre as línguas.

A psicóloga Daniela Moura explica que “Na infância o cérebro se desenvolve numa velocidade impressionante. A inserção de estímulos ambientais, nessa fase, amplia as conexões neuronais facilitando o aprendizado.”

Pesquisas realizadas por pesquisadores da Universidade de Granada, na Espanha, concluíram que o bilinguismo ajuda na memória e na atenção e que saber dois idiomas possui mais vantagens do que apenas a facilidade em comunicar-se.

As vantagens do ensino bilíngue na educação infantil são, indubitavelmente, de grande relevância e extensão, conforme resultados de pesquisas e estudos relatados neste trabalho.

Devido ao grande número de pesquisadores e trabalhos publicados acerca do assunto, somente alguns foram mencionados para que não nos estendêssemos em demasia, mas informando sobre as vantagens comprovadas acerca do assunto, cabendo propiciar aos interessados sobre bilinguismo na educação infantil obter, por meio desse trabalho, mais uma fonte de pesquisa e informação.

1.2.5. Uma abordagem sobre as desvantagens do Ensino Bilíngue

Algumas pesquisas revelaram, no entanto, que o estudo do bilinguismo antes dos seis anos de idade, envolve riscos significativos para a criança. Trabalhos científicos mais antigos, do século XX, concluíram ser o bilinguismo prejudicial em diversos aspectos. Há consenso, no entanto, junto à comunidade acadêmica, que os primeiros trabalhos a respeito do assunto possuíam muitas falhas metodológicas, quando não preconceitos subjacentes, aliado a resultados pouco científicos e de bases frágeis.

Uma das desvantagens apontadas é que quando o professor é especialista na língua, mas sem experiência com educação infantil, a criança pode desenvolver aversão à língua estrangeira por não gostar das aulas. Por outro lado, quando o professor proporciona aulas prazerosas e lúdicas, mas comete erros de pronúncia ou estrutura gramatical, a criança tende a valorizar o que é ensinado como verdade.

O futuro escolar da criança, em quaisquer dos casos, poderá ficar seriamente comprometido em relação à língua portuguesa sendo, portanto, menos arriscado não ter aulas de inglês ou qualquer outro idioma na infância, do que tê-las com profissionais desqualificados e despreparados em educação infantil e na língua portuguesa.

O pesquisador Fraser Lauchlan, da Escola de Ciências Psicológicas e Saúde da Universidade de Strathclude, na Escócia, apesar de reconhecer inúmeras vantagens na educação infantil bilíngue, afirma que existe uma visão que sustenta que pode ocorrer um efeito prejudicial no vocabulário dessas crianças, podendo não ser tão vasto quanto o de uma criança monolíngue. Acrescenta, entretanto, que embora isso possa de fato ocorrer nos primeiros anos, a maioria das crianças bilíngues alcança o mesmo patamar no momento em que estão com 7 (sete) ou 8 (oito) anos. Outras desvantagens apontadas ao ensino bilíngue na educação infantil são:

- a) Pode retardar a inteligência verbal, isto é, a criança pode demorar mais para falar, pois aprenderá dois sinônimos para cada palavra;
- b) Uma língua sempre, de uma forma ou de outra, influencia a outra;
- c) Pode ocorrer “triggering”, ou seja, mudança de idioma, caso não se saiba uma palavra em uma das línguas.

Consoante às desvantagens abordadas e aliado ao fato de que, as crianças realmente parecem ter mais facilidade para aprender uma língua do que um adulto, não devemos subestimar o esforço requerido para aprender uma língua e não esperar que elas aprendam perfeitamente desde o início.

1.3. ESCOLA AMERICANA E ESCOLA DAS NAÇÕES

A Escola Americana é uma instituição internacional bilíngue (inglês e português) e tem currículo fundamentado pela parte sul dos Estados Unidos. Suas aulas começam 8h 15 min e terminam às 15h 15 min, iniciando-se o calendário letivo em agosto e finalizando apenas em junho, diferentemente do calendário escolar brasileiro. Assim também como todas as escolas americanas, a formação do currículo não é baseada apenas em um modelo, são selecionados pontos relevantes de várias teorias e escolas para consolidar um currículo próprio. Mesmo tratando-se de escolas internacionais, as mesmas devem ser reconhecidas pela SACS (Association of Colleges and Schools) e paralelamente com o MEC, ou seja, deve cumprir o currículo brasileiro também. Dessa forma, os alunos terão aulas de história americana e também história do Brasil, e assim, em outras disciplinas acontece o mesmo. Em relação à forma de ingresso nessa instituição educacional, a partir do ensino fundamental é feito uma prova, e a criança deve saber inglês, caso esses requisitos não sejam preenchidos, o aluno não é aceito.

A Escola das Nações é uma instituição de ensino internacional bilíngue (inglês e português), com corpo docente e discente oriundo de mais de 44 nações. Os principais valores transmitidos são baseados nos princípios morais, éticos e não religiosos da Fé Bahá'í. O programa, que compreende do maternal ao ensino médio, prepara os alunos para entrar em universidades de todo o mundo, procurando formar verdadeiros cidadãos do mundo. Com média de 860 alunos inscritos em duas unidades – uma para o programa de Educação Infantil, totalmente adaptada às demandas e às necessidades de desenvolvimento mental, físico, psicológico e social de alunos com idade entre dois e seis anos, e outra para o Ensino Fundamental e Médio. O corpo discente representa aproximadamente 88% dos alunos com nacionalidade brasileira e 13% são cidadãos de outros países ou de dupla cidadania.

A comunidade escolar é formada de famílias brasileiras, muitas das quais fazem parte do corpo diplomático brasileiro e internacional, como também famílias estrangeiras, conectadas com embaixadas, companhias internacionais ou organizações não governamentais como UNICEF, Banco Mundial e Nações Unidas. O horário de funcionamento da escola é das 8h às 15h da Educação Infantil ao 5º ano, e das 8h às 15h15min. do 6º ao 12º ano.

O bilinguismo é desenvolvido por meio de um currículo acadêmico ativo e bem-balanceado, em salas de aula equipadas e com número reduzido de alunos (no máximo 25 alunos por turma). Os alunos têm disciplinas ministradas em português e em inglês, sendo que, na Educação Infantil, os alunos têm a maior parte em inglês. No Ensino Médio, os alunos podem optar pelo Programa Internacional (integralmente em Inglês) e/ou pelo Programa Brasileiro, focado na preparação para as universidades nacionais.

A Escola das Nações é uma instituição totalmente credenciada pela SACS – AdvancED, nos Estados Unidos. Seu corpo docente é constituído de 90 professores, 27% de professores estrangeiros, 56% com graduação avançada, 24 monitores e 16 assistentes.

O calendário escolar é internacional; o ano letivo inicia-se em agosto, ao contrário das escolas nacionais no Brasil. Alunos vindos de escolas que seguem o calendário letivo brasileiro e/ou sistema diferente (exemplo: início do ano letivo em janeiro/fevereiro e término em novembro/dezembro), serão matriculados de acordo com a data de transferência:

- ✓ Transferências realizadas em julho: os alunos serão matriculados no primeiro semestre do ano que estavam cursando;
- ✓ Transferências realizadas em janeiro: os alunos serão matriculados no segundo semestre do ano escolar que acabaram de completar.

Sempre que um aluno vem transferido, seja de escolas deste País ou de outro, faz-se necessária uma avaliação diagnóstica em Inglês, Matemática e Português para detectar possíveis defasagens de conteúdo e/ou linguísticas, além da apresentação do último boletim e/ou do Histórico Escolar. Vale ressaltar que, no Ensino Fundamental 2 (a partir do 6º ano), o aluno tem que ter domínio acadêmico avançado de inglês.

Em 27 de agosto de 2012, 858 alunos estavam matriculados na escola, sendo 159 na Educação Infantil, 333 no ensino Fundamental I, 192 no Ensino Fundamental II e 174 no Ensino Médio.

Onde os alunos que se formaram em 2012 na escola das Nações estão estudando:

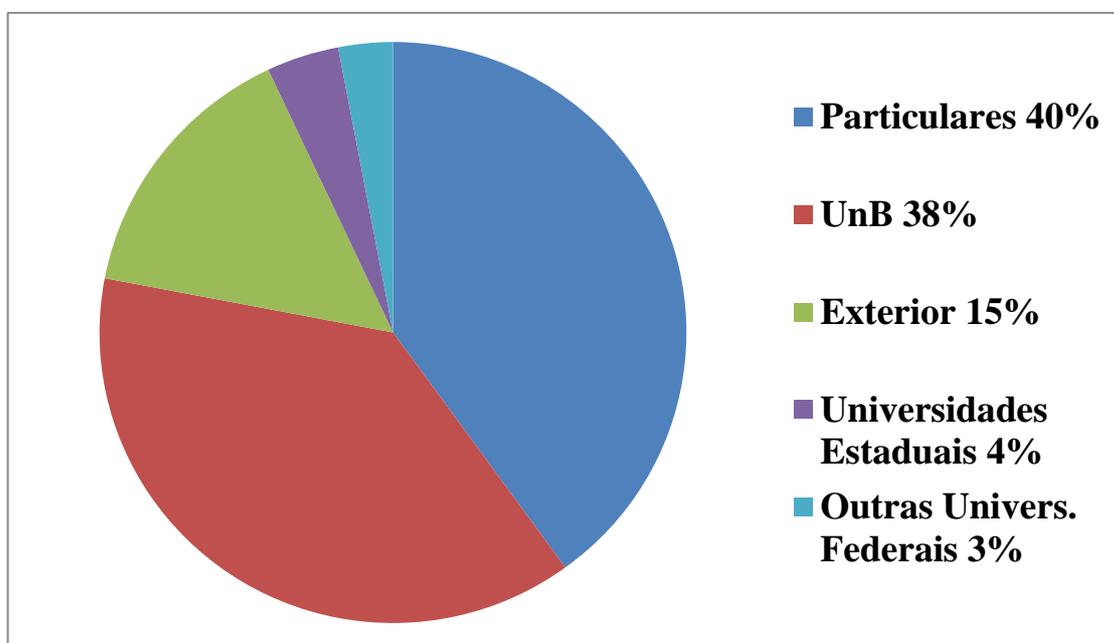


Gráfico 1- Porcentagem e distribuição de ex-alunos

CAPÍTULO II

METODOLOGIA

2.1. METODOLOGIA UTILIZADA

A metodologia utilizada para a presente pesquisa se fundamenta em uma abordagem qualitativa, isto porque, essa abordagem é a mais utilizada para pesquisas em contexto educativo. Segundo Weller (2010), além de ser relevante no processo de ensino/aprendizagem é relevante também na formação de profissionais que irão atuar no campo da educação.

Nesse trabalho fiz uma observação como participante, pois segundo Ludke e André (1986) o investigador pode assumir diferentes graus de participação em uma pesquisa como esta. A participação pode se dar como participante; participante observador; observador participante ou um observador. Participante é quando o observador não revela sua identidade como pesquisador, para poder se aproximar da perspectiva dos participantes. O participante observador não oculta totalmente suas atividades, mas revela apenas uma parte do que se pretende analisar. O observador participante revela desde o início sua identidade e os objetivos do estudo. E por fim, o observador é quando o pesquisador não interage com o grupo, desenvolve sua atividade de observar, sem interagir com o grupo. Pelo fato de eu já estar inserida na escola antes da pesquisa, pois era estagiária na instituição bilíngue de ensino, confirma o fato de ter realizado uma observação como participante.

A pesquisa realizada, também tem um caráter exploratório, pois fornece dados e esclarece algumas ideias sobre o ensino bilíngue na educação infantil, e segundo Gonsalves (2005), a pesquisa com este caráter, fornece dados elementares que vão servir como suporte para estudos aprofundados sobre o tema pesquisado.

O procedimento utilizado para realização do presente trabalho acadêmico foi de observação em sala de aula e na escola, onde realizei entrevistas com o corpo educacional da escola, com a coordenadora pedagógica, com a diretora e com a professora regente, no intuito de analisar detalhadamente as respostas e poder comparar com a experiência vivenciada.

2.2. CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

As observações foram realizadas em uma escola particular de Brasília, Distrito Federal. Trata-se de uma rede educacional bilíngue, cuja sede fica localizada em Vancouver no Canadá. No Brasil, existem 54 unidades atualmente, incluindo a unidade de Brasília e mais de 80 unidades no mundo todo.

A instituição trabalha com educação infantil e ensino fundamental, com previsão de ampliação a cada ano, fazendo uso de metodologia bilíngue de ensino em todos os segmentos educacionais. A escola tem como filosofia a estimulação de seus alunos nos aspectos social, emocional, intelectual e físico; acredita possuir também um ambiente e educadores que proporcionem essa estimulação de forma segura e agradável para seus alunos. Dessa forma, a criança é vista como centro da aprendizagem e construtora de seu conhecimento, trazendo assim uma aprendizagem não só acadêmica, mas também um aprendizado para a vida. Os professores e auxiliares que prestam serviços à escola devem participar frequentemente de cursos de formação continuada com metodologia específica do currículo orientado por educadores canadenses.

O currículo é orientado por educadores canadenses, obedecendo às exigências da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional do Ministério da Educação brasileira (MEC). Dessa forma, a escola segue dois programas: o programa de inglês e o programa de português. Sendo assim, as crianças podem desenvolver suas habilidades nas duas línguas ensinadas, estudando as matérias e os assuntos que se fazem presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ministério da Educação (PCNs).

A escola é bastante ampla, bem iluminada, bem ventilada, com estacionamento satisfatório, utilizado algumas vezes para dinâmicas, tais como: prevenção de incêndios, exposição de carros de bombeiros e carros policiais, festas, dentre outros. A estrutura física da escola é composta por dois andares, sendo o primeiro direcionado a crianças pertencentes à educação infantil, com faixa etária entre 2 e 3 anos, enquanto que no segundo andar são atendidos alunos até o 6º ano do ensino fundamental. Além disso, a escola possui, no primeiro pavimento, sala de vídeo, auditório, quadra para esportes, parques, cantina, cozinha, biblioteca e ginásio. Em 2012, foi feita uma nova reforma para expandir o número de salas de aulas, áreas para serem utilizadas durante o intervalo e festas comemorativas e estacionamento para pais e funcionários.

2.3. CARACTERIZAÇÃO DA TURMA

Foi observada uma turma de Nursery no período vespertino, onde as crianças estão na faixa dos 3 (três) anos de idade. A turma é relativamente grande, sendo composta por 20 alunos, sendo 8 (oito) meninas e 12 (doze) meninos. A maioria é proveniente de família de classe média alta e classe alta. Grande parte das crianças entrou na escola no ano anterior, ou seja, no Toddler com exceção de três meninos que ingressaram na escola apenas no Nursery. Percebe-se, portanto, que as crianças já estão um pouco familiarizadas com a exposição à língua inglesa, mesmo havendo alunos novos, pois os mesmos tinham contato com a língua no ambiente familiar. Além disso, já havia bastante entrosamento entre as famílias e os próprios alunos.

A turma como um todo não demonstrou dificuldades para compreender a língua inglesa e quando isso ocorria, procurávamos fazer movimentos que mostrassem o que estava sendo falado e, em último caso, explicávamos em português para as crianças. Isso raramente ocorreu e a maioria da turma não encontrou dificuldades para entender os comandos da professora. As crianças, no entanto, utilizam pouco a segunda língua para se comunicar e, geralmente, a utilizam mais para pedir água ou pedir para ir ao banheiro. Dentre os alunos, um se destacou do grupo, pois apesar de ter três anos e obedecer a alguns comandos, ele não falava, usava fraldas e tinha atitudes de um bebê. Durante a minha estadia na escola, a coordenação pedagógica e a professora regente tentou conversar com a família do aluno a respeito por diversas vezes, mas os pais acabaram optando por tirá-lo da escola.

A turma tem três professoras: uma regente e outras duas de aulas complementares: uma de educação física e uma de música. Além disso, conta-se com o apoio de duas professoras auxiliares denominadas de TA (Teacher Assistant), cargo ocupado pela autora deste trabalho.

2.4. DESCRIÇÃO DO ESPAÇO FÍSICO E DA ROTINA DA SALA DE AULA

As salas de aula da educação infantil no colégio são espaçosas e em formato retangular. Todas possuem uma única divisória fixa que é o banheiro adaptado

às crianças pequenas. As subdivisões do espaço são organizadas de acordo com a preferência de cada professora, por meio de estantes móveis. Faz-se necessário, porém, que haja área de leitura, de música, de teatro, jogos didáticos, do círculo com tapetes de borracha e três centros com mesas coloridas. A seguir uma foto ilustrativa de uma sala de educação infantil:



Figura 1- Sala de Aula

Fonte: www.maplebear.com.br/child-program

A rotina das crianças é fixa e não pode ser alterada sem ordens da coordenação e direção da escola, ela é estruturada de maneira em que há o acolhimento de todas as crianças às 13 horas e esse é o momento em que as crianças chegam à escola e podem brincar com massinha, blocos, desenhar etc. Após isso é feita a organização dos brinquedos, o qual todas as crianças devem participar, e aquelas que não querem, são incentivadas a colaborar. Às 14h30min acontece a primeira higiene, esse momento acontece de maneira em que todas as crianças devem sentar-se em fila sobre uma linha azul e devem aguardar a assistente chamá-las para fazer xixi e lavarem as mãos. Algumas crianças mesmo tendo vontade de ir ao banheiro se recusam e, nesse momento, a assistente deve incentivá-las a fazer. Após isso é a hora de beber água, e, mesmo havendo essa hora para beber água, as crianças podem fazê-lo a qualquer momento, havendo tal necessidade. Às 15 horas inicia-se o círculo, sendo esse o momento em que todas as crianças se sentam junto com a professora e com as assistentes para cantarem canções, expressarem sentimentos, serem apresentadas ao conteúdo que será dado, contar os números no calendário, saber que dia é, falar as cores,

etc. Com o encerramento do círculo, as crianças são encaminhadas para os centros, momento em que elas escolhem uma mesa (azul, verde, vermelha ou amarela) para sentar. Nessas mesas são feitas atividades diversificadas sobre o tema que está sendo estudado, de maneira que seja prazeroso para todos. Após realizar a tarefa de uma mesa, a criança vai alternando as mesas, até fazer todas as atividades. Às 16h30min é realizada a hora do lanche, seguida da 2ª. higiene e momentos lúdicos. Após acabar o lanche, a assistente busca duas crianças por vez para irem ao banheiro e escovarem os dentes. Os momentos marcados para a higiene são importantes para as crianças aprenderem a controlar os esfíncteres, mas não quer dizer que não poderão ir ao banheiro em outros momentos. Nesse momento, as crianças também podem brincar a vontade no *Drama Center* (espaço com fantasias e brinquedos) e no carpete com lego, durando essa atividade em torno de 45 minutos. Ao fim dessas atividades acontece a aula de educação física as segundas, e de música as quartas e nos outros dias as crianças vão para o parquinho. No final é feito o momento da história, que é quando todas as crianças pegam um livro para ler, mesmo que ainda não saiba ler, e após todas darem uma folhada nos livros, a professora da turma pede para guardarem os mesmos, e ela lê um livro para as crianças. A partir das 17h45min é o horário da saída. Nesse momento são colocadas massinhas, blocos e papéis para desenhar nas mesas, para que as crianças não fiquem aflitas esperando os pais, e para que seja um momento de aprendizagem através das brincadeiras.

CAPÍTULO III

3.1. ESCOLA MAPLE BEAR: FRANQUIA DE EDUCAÇÃO CANADENSE

A escola canadense Maple Bear faz parte de uma rede de franquias, cuja sede fica presente em Vancouver no Canadá. Ela traz para o Brasil sua metodologia de ensino a partir das práticas canadenses de educação bilíngue elaborada por educadores canadenses. Para a realização desse programa no Brasil, ele deve estar de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional do Ministério da Educação. Dessa forma, todas as escolas mesmo sendo bilíngues, devem estar em consonância com a LDB.

No Canadá, é respeitado e tirado proveito da diversidade cultural existente, por isso, além de se valorizar essa pluralidade, a presença de elementos culturais externos no processo educacional enriquece o currículo e prepara os alunos para atuarem como cidadãos do mundo. Nesse país, a educação é oficialmente bilíngue (inglês e francês), desde 1970. Segundo informações da escola canadense, o Canadá possui referência mundial no assunto e seu investimento é de 8% do total de seu PIB bruto em educação. Dessa forma, é mantido um excelente nível de ensino, com professores com qualificações e escolas bem equipadas. Em decorrência desses fatores, há 10 anos os estudantes canadenses destacam-se no Programa para Avaliação Internacional de Estudantes (PISA), realizado a cada três anos. O PISA é aplicado em escolas públicas e privadas em diversos países, com a intenção de avaliar alunos com 15 anos de idade em três áreas: leitura, matemática e ciências. Sua finalidade é gerar indicadores sobre a efetividade educacional a partir da capacidade dos alunos de raciocinar, analisar e aplicar o conhecimento adquirido. Apesar de haver críticas de como é feita a amostra em cada país, pois a avaliação é feita por idade - aos 15 anos e não por série, o que faz com que alguns países sejam representados por maior número de jovens de séries mais avançadas ou vice-versa. No Brasil, participam estudantes do 1.º ano do ensino médio e do 8.º e 9.º do ensino fundamental. Os gráficos abaixo mostram o ranking mundial de educação elaborado com base no PISA de 2009:

Matemática

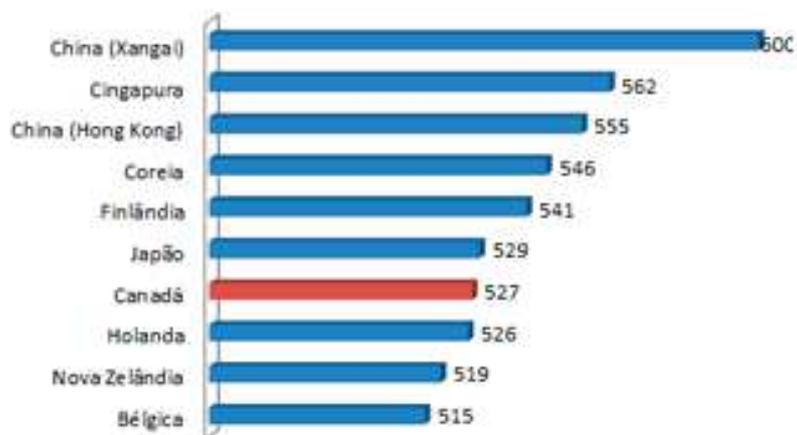


Figura 2- Ranking mundial de educação PISA de 2009

Fonte: <http://www.maplebear.com.br/world>

Ciências

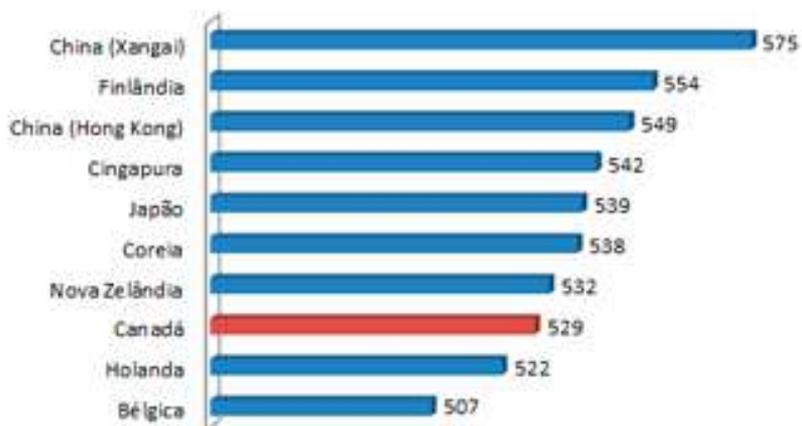


Figura 3- Ranking mundial de educação PISA de 2009

Fonte: <http://www.maplebear.com.br/world>

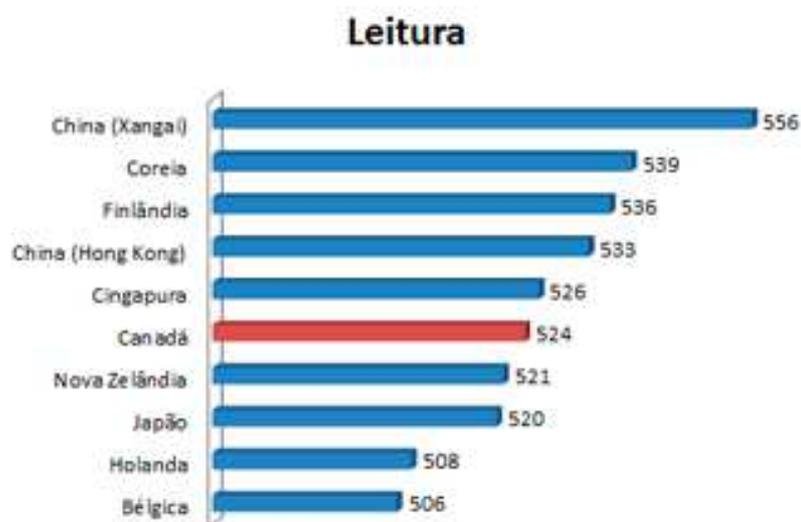


Figura 4- Ranking mundial de educação PISA de 2009

Fonte: <http://www.maplebear.com.br/world>

Dessa forma, o que é proposto por todas essas escolas franquizadas afirma que sua filosofia é oferecer um aprendizado não só acadêmico, mas para a vida em um ambiente que seja acolhedor e estimulante, reconhecendo a criança como construtora de seu próprio conhecimento e assim, centro de sua aprendizagem. Na elaboração do currículo oferecido para os alunos, observou-se que é utilizado como fundamentação teórica pensadores com pressupostos filosóficos, sociológicos e teóricos divergentes como Ley Vygotsky, Eric Erikson, Howard Gardner e Jean Piaget, o que traz conflito metodológico, haja vista serem pensadores com pressupostos distintos.

A Maple Bear afirma que sua educação é holística, ou seja, possui um aprendizado que acontece em todas as esferas física, intelectual, emocional e social do educando, assegurando também que o Canadá se destaca em relação aos demais países nesse sentido. É assegurado ainda pela rede de escolas Maple Bear, que esse modelo educacional se faz presente em todas as suas unidades, e que por meio do desenvolvimento de habilidades físicas que é oferecido, é possível melhor equilíbrio e flexibilidade.

No campo da linguagem, observou-se que em suas revistas mensais é divulgado que os alunos são caracterizados como capazes de aprender a ler e a produzir uma ampla variedade de gêneros textuais, como bilhetes, cartas, e-mails, receitas, entre outros, e que de acordo com os avanços da classe, o nível aumenta gradativamente.

Em ciências, é publicado que a ênfase é dada em experimentações e aplicações, ao invés de memorização; e no campo das artes seria buscado o interesse dos alunos pela própria criação, incentivando-se também a expressão de ideias e sentimentos.

A música, segundo eles, seria utilizada como ferramenta de aprendizagem que contribui para o desenvolvimento da linguagem e conceitos matemáticos. O programa de matemática enfatiza a resolução de problemas e desenvolvimento do raciocínio para a compreensão dos conceitos matemáticos em níveis progressivos e, por fim, o ensino de estudos sociais busca a conscientização dos alunos sobre os efeitos de suas ações no mundo, propondo questões mais complexas no ensino fundamental. Sendo assim, é possível perceber que a Maple Bear está dentro do que as forças do mercado empregam como tentações sedutoras do consumo.

É exposto também no site dessa rede de ensino, que nesse programa é utilizada uma abordagem de ensino integrada, ou seja, as matérias não são de todo separadas, pois se completam em unidades temáticas. Além disso, é afirmado que as características e o ritmo singular das crianças são respeitados e preservados, pois são realizados centros de atividades com pequenos grupos e são dadas às crianças oportunidades para explorar de forma prática e em seu ritmo próprio, permitindo ao professor a possibilidade também de observar cada criança de maneira individual. Dessa forma, são apresentados novos conceitos durante as atividades planejadas para pequenos grupos e para o grupo inteiro reunido.

No site é disponibilizado, também, que a Maple Bear é uma marca reconhecida como sinônimo de qualidade e que o Canadá é o país do G-20 que mais investe em educação per capita e que, no Brasil, as referidas escolas já são reconhecidas como as melhores ou entre as melhores nas regiões onde atuam e muitas unidades da rede têm listas de espera. Quanto à configuração do espaço, é falado que o projeto arquitetônico possui um layout exclusivo para cada série e deve haver um treinamento inicial para o mantenedor, coordenadores e professores, e treinamentos de reciclagem contínuos, ministrados por especialistas canadenses no Brasil e manuais completos e detalhados.

Sendo assim, essa rede de ensino canadense traz uma proposta bilíngue e não internacional isso porque é feito o uso de duas línguas para lecionar as disciplinas tradicionais, e o currículo utilizado é nacional. Na filial Maple Bear Brasília em particular, a grande maioria dos alunos é brasileira, com interesse em uma formação

cultural e linguística mais ampla, porém há alunos estrangeiros que se sentem mais acolhidos em escolas internacionais ou bilíngues. Além disso, é do conhecimento de muitos que esse tipo de ensino possui uma mensalidade alta, atendendo majoritariamente à classe média alta e à classe alta.

Nesta metodologia de ensino as crianças da educação infantil desenvolvem a competência em inglês, em um processo de aprendizagem contínua. Toda a comunicação com a segunda língua da forma em que ocorre, permite que as crianças desenvolvam habilidades de compreensão, escrita e comunicação de forma natural. A única exceção ocorre durante as aulas de língua portuguesa, iniciadas no Intermediate Kindergarten, quando os alunos têm o primeiro contato com o português como idioma de ensino. A figura a seguir mostra as turmas de educação infantil e as idades dos alunos de cada uma:

Programa de Educação Infantil	
Programa	Idade
Toddler	2 anos
Nursery	3 anos
Junior Kindergarten	4 anos
Intermediate Kindergarten	5 anos

Figura 5– Programa de Educação Infantil

Fonte: <http://maplebear.com.br/child-program>

No ensino fundamental, os alunos já têm contato com o português e com o inglês na mesma proporção, de forma que todas as matérias de humanas serão ensinadas na língua materna e as matérias como matemática, inglês e ciências serão todas em inglês. Já as aulas de educação física, música e artes ficam a cargo de cada escola e a disponibilidade de profissionais nessas áreas, que tenham o conhecimento da segunda língua. A imagem abaixo explica como acontece o uso da língua materna e da segunda língua no ensino fundamental:

Programa do Ensino Fundamental	
Matérias	Idioma
História Geografia Língua Portuguesa	100% em Português
Matemática Ciências Inglês	100% em Inglês
Educação Física Música Artes	Inglês/Português Escolha critério das escolas

Figura 6– Programa de Ensino Fundamental

Fonte: <http://maplebear.com.br/elementary-program>

Dessa maneira, até os quatro anos de idade todas as crianças devem ter contato apenas com a segunda língua, a não ser em casos urgentes como, quando a criança se machuca ou precisa de um socorro imediato. A partir dos cinco anos de idade as crianças começam a ter contato com a língua portuguesa na aula de português, e a partir desse momento ficaria equilibrado o uso da segunda língua e da língua portuguesa. A

seguir é mostrada uma imagem explicativa da porcentagem utilizada em cada etapa das suas línguas, lembrando que o currículo é nacional.

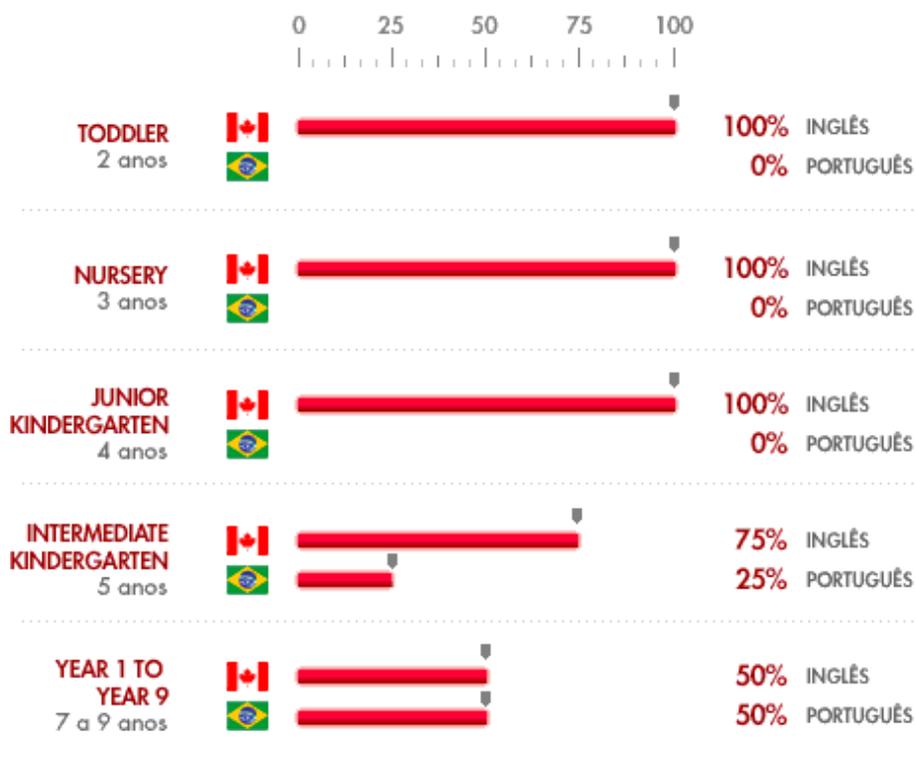


Figura 7– Porcentagem do uso das duas línguas

Fonte: <http://www.maplebear.com.br/brasil>

As famílias que desejarem colocar seus filhos na escola canadense ou em outras instituições bilíngues de ensino devem ainda se inscrever em uma lista de espera, isso porque há uma grande procura por parte das famílias. Além disso, pesquisas mostram que em 2009 houve um aumento de 24% na procura por essas escolas, isso porque o mercado de trabalho está cada vez mais exigente e com a mundialização nada é mais permanente, tudo é temporário, ou seja, a mentalidade de “longo prazo” deu espaço à nova mentalidade de “curto prazo”, que exige conhecimentos cada vez mais amplos e é saturada de incertezas (BAUMAN, 1925).

Sendo assim, a grande procura por este tipo de aprendizagem atualmente para suprir necessidades mercantis e econômicas, trouxe esse ensino como uma mercadoria em que um método de ensino específico se faz presente no mundo todo por meio do sistema de franquias educacionais, e que não é falado sobre os educandos que falham, ou que possuem dificuldades para acompanhar esse ritmo que é proposto, isso porque o

produto que é vendido deve ser posto como soberano e em conformidade com as forças mercantis.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

À luz do referencial teórico, considera-se que a escola pesquisada proporciona ensino bilíngue, na medida em que é utilizada a língua portuguesa e a língua inglesa, nos momentos de planejamento e execução das práticas educativas. A segunda língua, no caso o inglês, sendo apresentado constantemente, é adquirido pelos alunos de forma natural através das interações entre si e com os professores que utilizam essa língua com as crianças, dentro e fora do contexto de sala de aula. Todos os funcionários da escola, com exceção das professoras de português, da equipe de limpeza e portaria, são fluentes na língua inglesa, o que proporciona um verdadeiro ambiente de imersão nessa língua, sendo fundamental no processo de aquisição.

De acordo com a divisão mostrada por Lightbown & Spada (2006) sobre os tipos de instruções, a que se faz presente na escola é uma instrução comunicativa, pois a segunda língua é aprendida por meio de conversações, interações e uso constante da mesma. Além disso, quase não são realizadas correções de erros cometidos quanto ao uso da segunda língua por parte das crianças, sendo assim, a escola faz pouca pressão para se falar a segunda língua.

Harmers e Blanc (2000) propõem dimensões de divisão do bilinguismo. De acordo com essa estruturação, é notado que as crianças da sala observada (Nursery), estão desenvolvendo um bilinguismo dominante, isso porque os mesmos possuem uma competência maior na língua materna, além disso, como as instruções e conversações são feitas todas em inglês, durante quase todo o período da educação infantil, o trabalho realizado pela escola é feito sob uma perspectiva de um programa de imersão inicial total na segunda língua.

As crianças também demonstraram que se sentiam felizes e seguras na escola, pois era notável que os alunos brincavam com prazer no ambiente educativo e se expressavam de forma natural e relaxada. Sendo assim, de acordo com Leavers (2004), o bem-estar emocional da criança estava sendo valorizado.

Dessa forma, a escola possibilita um ambiente que proporciona a aprendizagem natural das crianças e a interação dos alunos e funcionários, de maneira a aprimorar momentos de aprendizagem bilíngue.

Portanto, serão relatadas as aulas dos dias de observação da turma, que são relevantes para a compreensão a respeito do funcionamento de uma escola bilíngue e a compreensão dos alunos.

4.1. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS AULAS OBSERVADAS

4.1.1. Aula 1 (14/04/2011)

Há algumas semanas as crianças já estavam trabalhando com o tema “formas geométricas”, tais como o quadrado, o círculo, o triângulo etc., e a proposta dessa aula é de dar continuidade aos *Shapes*. As atividades realizadas nos centros de atividade eram: brincar de um jogo de costura em volta das formas. Em outra mesa a criança tinha que olhar a legenda, que eram quatro figuras geométricas pintadas uma com cada cor, e depois colorir dentro do quadro cada figura com a cor correspondente e, na última mesa, a atividade era pintar uma grande forma geométrica com tinta guache. As crianças não tiveram dificuldade para realizar as tarefas e muitas já falavam o nome das formas na segunda língua. Após o fim dessas atividades, teve um treinamento de incêndio na escola, e a professora me falou que esse treinamento é bastante comum em escolas americanas e canadenses, ressaltando que todas as escolas deveriam ter esse treinamento. Em todo o período da tarde, não foi utilizada a língua portuguesa em momento algum, observando-se ainda que os alunos possuem de fato facilidade com a segunda língua. Como destacado por Sousa (2009) “Crianças até os cinco anos de idade aprendem a segunda língua com mais facilidade.”

4.1.2. Aula 2 (15/04/2011)

Toda sexta-feira as crianças têm permissão de trazer um brinquedo e irem fantasiadas para a escola. O dia do brinquedo e da fantasia tem o objetivo de ensinar as crianças a dividir, que nessa idade é bem difícil, e mexer com o imaginário das crianças sobre os personagens que elas se vestem, além de trabalhar o nome dos brinquedos e das fantasias na segunda língua. As atividades sobre formas continuam, em uma mesa elas pintam as formas, em outras elas desenham as formas, porém em uma mesa

(vermelha) as crianças brincam com os brinquedos que elas trouxeram, tendo que dividir e emprestar para todos os amigos. Caso a criança não aceite emprestar o brinquedo, o mesmo é guardado dentro da mochila do dono(a), e toda vez que ela fala que vai emprestar, todos são incentivados a bater palmas, para que a criança perceba que emprestar os brinquedos é uma atitude positiva. Foi possível observar que as crianças aprendem e adquirem com bastante facilidade novos vocábulos da segunda língua, quando estas estão associadas ao interesse da criança. Assim como afirma Genese (1987) o aprendizado ocorre mais facilmente quando este tem significado para a criança.

4.1.3. Aula 3 (18/04/2011)

Nessa aula, foi introduzido um novo assunto que é chamado de sequências e padrões. Logo no círculo a professora mostrou vários moldes de “X” nas cores azuis e amarelas, e foi fazendo uma sequência com esses moldes da seguinte forma: azul, amarelo, azul, amarelo, azul, amarelo. Após montar essa sequência com 5 moldes de “X”, ela foi perguntando para as crianças e completando a sequência. Após ver que as crianças começaram a entender um pouco, todos foram para as mesas realizar as atividades. Em uma das mesas elas pintavam desenhos em sequências, em outras elas usavam o brinquedo de “costura” para passar a linha em volta de desenhos de animais, e em outra mesa elas tinha que fazer uma sequência com lego nas cores vermelho e amarelo, assim como foi feito com os moldes de “X”, só que com cores diferentes. As crianças tiveram bastante facilidade para executar a atividade, porém era comum ver os alunos trocarem as palavras, como por exemplo, ao invés de usar “*why*” era usado “*because*” na fala das crianças, e isso é apresentado por Borges e Salomão (2003) como *inputs* do processo de aquisição da linguagem. A professora procurou então reestruturar as frases diversas vezes para as crianças terem percepção quanto ao uso certo das palavras, sem fazer correção.

4.1.4. Aula 4 (19/04/2011)

A escola programou para este dia, um teatro de marionetes em inglês. No primeiro momento as crianças até a turma Junior assistiriam, e após isso seria a vez do Intermediate e dos Years 1, 2, 3 e 4. O objetivo da peça é falar sobre os animais que vivem na água e a necessidade de preservarmos o meio ambiente, mostrando que ao jogarmos lixo no chão os mais afetados somos nós mesmo e os animais. Em meu ponto de vista, a peça não é muito didática, pois muitas crianças se assustaram com os animais, e acabaram querendo fechar os olhos, além de a maioria ter chorado e não ter entendido muita coisa, pois a segunda língua era falada muito rapidamente. Após esse momento, todos retornaram as salas e seguiram com a rotina normalmente. Como a peça foi do início da tarde até umas 16 horas, não foi possível realizar as atividades que são feitas diariamente nos centros, e as crianças ficaram liberadas para brincar com os brinquedos que existem na sala de aula. É aparente que as crianças aprendem bastante nesses momentos lúdicos, pois de acordo com Kuratani (2004), o brinquedo é a essência da infância e seu uso permite um trabalho pedagógico, que possibilita a produção do conhecimento e também a estimulação da afetividade na criança. Em todos esses momentos didáticos, lúdicos e diversos, o ensino bilíngue acompanhado da metodologia canadense de ensino, se faz presente.

4.1.5. Aula 5 (20/04/2011)

Neste dia, as crianças tiveram brincadeiras como caça aos ovos, haja vista a páscoa estar próxima da aula observada. Os alunos estavam felizes e a brincadeira lhes dava prazer. De acordo com Leavers (2001), é possível notar o nível de bem estar dos alunos pelas suas expressões de animação e felicidade. A partir desse autor, é possível identificar como indicadores do envolvimento da criança a energia física e o envolvimento com a atividade. Sendo assim, é possível afirmar que as crianças estavam bastante envolvidas na atividade e que a mesma estava sendo prazeroso para elas.

CAPÍTULO V

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados observados e à luz do referencial teórico, é notável que um ambiente favorável e estimulante é de fato importante, e foi de extrema importância para as crianças observadas no processo de aquisição do inglês como segunda língua. Sendo assim, pode-se inferir que o ambiente proporcionado por esta determinada escola também foi favorável para essa aquisição, propiciando às crianças observadas uma verdadeira vivência de educação bilíngue, de forma natural e tranquila na medida em que ambas as línguas são trabalhadas, cada uma tendo seu valor dentro da instituição.

Além disso, é notável como o aprendizado da segunda língua acontece mais naturalmente e facilmente quando a criança é inserida nesse método de ensino desde cedo, além disso, foi possível verificar que as estratégias utilizadas pelas professoras para incentivar o uso da língua por parte dos alunos e para tirar as dúvidas dos mesmos sem recorrer primeiramente à língua materna, conseguem atingir seu objetivo, pois assim, as crianças foram capazes de compreender, na maioria dos casos, o que estava sendo dito, além de conseguirem se manifestar, muitas vezes, na segunda língua.

Apesar das crianças se encontrarem em níveis diferentes na aquisição da segunda língua, a turma estava acompanhando bem e como afirma Ellis (1985), a aquisição de uma segunda língua não é um fenômeno uniforme, é resultado de inúmeros fatores que envolvem questões tanto do próprio aprendiz, quanto das situações de aprendizagem. Nem todos os alunos da sala estavam sendo expostos por tempo igual, pois havia crianças que estudavam na escola há mais tempo que outros; o apoio que a criança recebe fora da escola é diferente entre as famílias e o ritmo de desenvolvimento individual de cada criança deve, também, ser levado em consideração.

Além disso, pode-se concluir que com a mundialização, ou seja, com esse processo de aproximação de povos e economias inseridos em espaços geográficos diferentes, a procura pelo ensino bilíngue e os estudos sobre esse tema cresceram bastante e tornou-se algo mais popular, no sentido de que hoje, não apenas filhos de profissionais da área diplomática ou empresários com alto poder aquisitivo frequentam

essas escolas, mas também outros segmentos da sociedade, que buscam uma educação diferenciada. Essas escolas, porém, continuam com mensalidades elevadas, o que ainda as tornam inacessíveis para grande parcela da sociedade.

Parte 3

PARTE 3

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Minha vida foi sempre pautada em buscar mudanças e jamais ficar acomodada em algumas situações. Procuro ser sempre dinâmica, e com o fim de mais essa etapa em minha vida, novas possibilidades e desafios são abertos diante de mim. Ao entrar para o curso de Pedagogia tinha a certeza de que iria trabalhar com educação infantil e, ao longo do tempo, essa certeza foi se confirmando. Porém, percebi também, que posso trabalhar com educação infantil em um contexto bilíngue, e que há outras áreas que também despertam o meu interesse. Por isso, é com muita satisfação, que cheguei até aqui.

O curso de Pedagogia foi além das minhas expectativas e me trouxe um conhecimento que, com certeza, vou buscar aplicar sempre e levar por toda a minha vida.

Por conta do meu primeiro estágio e do meu emprego atual, acabei enveredando-me pelo tema deste trabalho, pois me apareceu uma série de inquietações e dúvidas sobre esse assunto. Tenho muito interesse em continuar estudando e pesquisando sobre o assunto, pois ainda tenho muitas dúvidas e questionamentos sobre a temática; por essas pesquisas e estudos auxiliarem em minha prática docente na escola em que leciono atualmente, ou em qualquer escola bilíngue que eu possa vir a trabalhar. Sendo assim, a partir dessa perspectiva, pretendo pesquisar mais autores e referenciais teóricos que abordam esse assunto; fazer uma pós-graduação em Linguística e aperfeiçoar o meu inglês.

Pretendo também fazer concurso público em minha área, pois a segurança que um concurso oferece é algo que eu almejo como objetivo de vida e como satisfação pessoal.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J. C. P. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. 4. Ed. Campinas: Pontes, 2007.

ASSIS PETERSON, Ana Antônia. (Org.). **LÍNGUAS ESTRANGEIRAS: para além do método**. Cuiabá: Ed. UFMT, 2008. 1 v.

BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

_____. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

BEARDSMORE, Hugo Baetens. **Bilingualism: Basic Principles**. Clevedon, England: Multilingual matters, 1986.

BEE, Helen. **A Criança em Desenvolvimento**. 3ª. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

_____. **A Criança em Desenvolvimento**. 7ª. ed. São Paulo: harbra, 1986.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: maio 2013.

_____. Lei nº 8.069, de 13 de Julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm>. Acesso em: maio 2013.

_____. Lei nº 9.394, 20 de Dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: maio 2013.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível

em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf >. Acesso em: maio 2013.

COSTA, Marisa Vorraber. **Um convite para olhar a educação sob outros ângulos**. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *A educação na cultura da mídia e do consumo*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

CRAWFORD, James. **Bilingual education**: history, politics, theory and practice. 4. Ed. United States: Crane Publishing Co, 1989.

CUMMINS, Jim. **Second language acquisition within bilingual education programs**. In BEEBE, Leslie M. *Issues in second language acquisition*. New York: Newbury House Publishers, 1988.

GRADDOL, David. **The future old English?** A guide to forecasting the popularity of the English language in the 21st century. Londres: the English company, 2000. Apud: Araújo-Silva, Gisvaldo Bezerra. *A língua inglesa como imperativo da globalização*. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *A educação na cultura da mídia e do consumo*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

JAMENSON, Frederic. **Pós-modernismo**: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1996.

HARDING-ESCH, Edith. RILEY, Philip. **The Bilingual Family**: a handbook for parents. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LIGHTBOWN, Patsy M. SPADA, Nina. **How languages are Learned**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

ROCHA, C. H.; BASSO, E. A. (org.) **Ensinar e aprender língua estrangeira nas diferentes idades**: reflexões para professores e formadores. São Carlos: Claraluz, 2008.

SENSÊVE, B. **Dois línguas, muitas habilidades**. *Correio Braziliense*, Brasília, p. 22, 09 set. 2012.

ULYENO, Elzira Yoko; CAVALLARI, Juliana Santana (orgs.). **Bilinguismo**: Subjetivação e Identificações nas/ pelas Línguas Maternas e Estrangeiras. Campinas: Pontes, 2011. 9 v.

APÊNDICE

Serão apresentadas aqui as entrevistas realizadas com a diretora, a orientadora educacional e a professora regente da escola em que as observações foram realizadas, a fim de mostrar o que as mesmas dizem, sobre algumas dúvidas que são comuns em relação ao ensino bilíngue.

Entrevista com a diretora da escola

I- Dados de identificação

Diretora: Nancy de Fátima silva

Data de Nascimento: 01/02/1959 Sexo: Feminino

Naturalidade: Puimhi- MG

Estado Civil: Divorciada

Filhos: () Não (x) Sim Quantos? 2 Sexo: 1 Masc. 1 Fem.

II- Formação Profissional

Ensino médio: Colégio Ateneu Campinense

Ensino Superior: UNICAMP

Especialização: UnB

Pós-graduação: (x) Mestrado

Tempo de experiência no magistério: 28 anos

Tempo de experiência na direção de escola: 8 anos

Tempo de experiência na direção da escola atual: 1 ano

III- Questões

1) Quais as funções, por você desenvolvidas, nesta escola?

Supervisão geral, gestão de processos e de pessoas.

2) Como você avalia a relação da direção com:

a- Professores: Boa

b- Auxiliares de ensino: Boa

c- Alunos: Boa

d- Pais: Boa

e- Comunidade: Boa

- 3) Que atividades desenvolve com grupos de:
- a- Professores: Formação e orientação
 - b- Auxiliares de ensino: Formação e orientação
 - c- Alunos: Orientação
 - d- Pais: Atendimento
 - e- Comunidade: Atendimento
- 4) Como você avalia a participação ou o envolvimento dos pais com sua escola?
Resposta: Muito boa a participação e o envolvimento.
- 5) A criança a qualquer momento pode entrar em uma escola bilíngue, ou existe alguma idade determinada?
Resposta: Em Brasília, só há escola bilíngue a partir dos 2 anos de idade. Se a criança entrar no ensino fundamental, é feito um acompanhamento com aulas de inglês para que a criança se adapte à nova língua.

Entrevista com a Professora Regente

I- Dados de Identificação

Data de nascimento: 14/02/1989

Sexo: Feminino

Naturalidade: Brasília-DF

Religião: Evangélica

Estado Civil: Solteira

Filhos: (x)Não ()Sim

II- Formação Profissional

Ensino médio: Escola das Nações

Ensino Superior: Cursando

Tempo de experiência na série: 2 anos e 6 meses

III- Perguntas

- 1) É comum algumas crianças não se adaptarem ao método bilíngue?

Resposta: É comum os pais não se adaptarem ao método de ensino, se sentem inseguros e acabam transferindo essa insegurança para os filhos, tornando o processo de adaptação ainda mais difícil.

- 2) Você já estudou em alguma escola bilíngue? Caso já tenha estudado, sentiu alguma dificuldade?

Resposta: Estudei em uma escola bilíngue desde pequena (Jardim II) e não senti nenhuma dificuldade, pois o processo de aprendizado ocorre naturalmente.

- 3) Você acredita que o método bilíngue é um diferencial na vida do estudante? Por quê?

Resposta: A língua inglesa é de extrema importância nos dias atuais, pois é considerada a língua internacional, ou seja, facilita a comunicação com o mundo, influenciando no mercado de trabalho, sendo assim um diferencial no currículo.

Entrevista com a Orientadora Educacional

I- Dados de Identificação

Data de nascimento: 25/03/1978

Sexo: Feminino

Naturalidade: Anápolis- GO

Religião: Católica

Estado Civil: Casada

Filhos: ()Não (x)Sim

II- Formação Profissional

Ensino médio: Colégio Marista de Brasília

Ensino Superior: Universidade Católica de Brasília

Tempo de experiência no magistério: 8 anos e 5 meses

Tempo de experiência como Orientadora Educacional: 4 meses

III- Perguntas

- 1) Há restrições quanto à inserção do método bilíngue?

Resposta: A neurolinguística afirma que a criança até 10 anos de idade, aprende 3 vezes mais facilmente que um adulto. Isso porque há mais conexões entre os hemisférios cerebrais. Sabemos, também, que a exposição da criança a uma segunda língua, aumenta essa interação na região do cérebro responsável pela

linguagem. O raciocínio e a criatividade são estimulados. Portanto, a segunda língua não limita o desenvolvimento da primeira. Sendo assim, considero o bilinguismo possível para todas as crianças.

- 2) É necessário que os pais saibam falar a segunda língua para a criança ter fluência?

Resposta: Se a criança tiver uma continuidade do trabalho em casa é melhor. Porém, é sempre bom lembrar, que o papel da família é estabelecer uma boa rotina de estudos e, sempre que possível, estimular a leitura. A criança que vivencia um bom ambiente de aprendizagem entende que aprender é sempre bom, não importa em que língua. Essa percepção contribui para o desenvolvimento da autonomia.

- 3) Uma criança em fase de alfabetização, não sente dificuldade em lidar com duas línguas ao mesmo tempo?

Resposta: A criança pode fazer associações da segunda língua na primeira, mas a dificuldade depende de como os professores/ familiares conduzirão essas ocorrências.